

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATRINA – UFSC
CENTRO DE DESPORTOS – CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura.

VITOR DE SOUZA CARNEIRO

BICICLETA NA ESCOLA: pedalando e educando

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Educação Física, no Curso de Educação Física do Departamento de Educação Física do Centro de Desportos da UFSC.

Orientador: Prof. Carlos Luiz Cardoso

Florianópolis, 30 de novembro de 2007

TERMO DE APROVAÇÃO

VITOR DE SOUZA CARNEIRO

BICICLETA NA ESCOLA: pedalando e educando

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Educação Física, no Curso de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Carlos Luiz Cardoso

Membro: Prof. Elenor Kunz

Membro: Prof. Mário Pires

Membro: Prof. Paulo Ricardo do Canto Capela

Florianópolis, 30 de novembro de 2007

**Pedalar é conhecer,
Conhecer é viver...**
Rodrigo Ferrari (Nasrudin)

DEDICATÓRIA

À todas as crianças (de 8 a 80 anos) que gostam de andar de bicicleta.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os seres que, na minha passagem por essa ilha maravilhosa, tocaram meu coração e deixaram alguma marca, algum ensinamento, alguma lembrança. São muitos os nomes e corro o risco de esquecer de alguém nesse momento. Se seu nome não constar na lista, levante a mão por favor.

A começar por você, Princesa dos Mares, que entre tempestades e calmarias, me ajudou a enxergar a Estrela do Sul. Graças a você, meu barquinho termina mais uma travessia, com o mastro em pé.

Muito grato também a toda a tripulação do PET, inclusive àqueles que já desembarcaram. Vocês são algo mais que amigos, são companheiros de todo o dia, que nos momentos que eu pensei em abandonar o barco foram de extrema importância para que eu não cometesse essa loucura. Ao capitão Gigio, um forte abraço, obrigado pela paciência, pelo exemplo de vida e pela força de sua presença. Você é um grande professor (em todos os sentidos).

À meu cumpadi Nasrudin. Você é mais que um contador de história, é o próprio fazedor. Aprendo muito com você.

Toda a Sangha Satya Lila. Vocês me inspiram, me expiram, me trans-piram e me piram. Gracias pela troca sincera.

Àqueles professores que fizeram diferente, e que com toda vontade, souberam trocar, escutar e ensinar. Em especial um abraço nos professores da salinha do fundão: Cris, Edgar e Capela.

Quero agradecer também, a meus companheiros de curso, àqueles com quem tive a oportunidade de realmente trocar idéias, sonhos, dúvidas e certezas. Um agradecimento especial aos grandes companheiros que com sua entrega e comprometimento, lutam pela Universidade do Povo. Força, sempre.

Agradecer a meus Mestres de Capoeira: Plínio, Moa do Katende e Téo. Obrigado por cada ensinamento e por cada movimento. O que aprendo com vocês levo pra toda minha vida. Agradeço também a minha família 'Sim Sinhô', irmãos e irmãs de luta, de brincadeira, de jogo, de samba, de vida.

Agradecer também àqueles que tive a oportunidade de compartilhar o caminho do auto-conhecimento, vocês também são meus professores. Aprendo infinitamente com vocês. Namastê.

Ao professor Mario, gracias pelo apoio à realização desse trabalho. Você foi FUNDAMENTAL.

Quero agradecer também a praia do Campeche, as ondas do mar e ao Sol, ao Vento, a Chuva, as Plantas e aos Pássaros, por tudo que vocês me dão. A meu companheiro de ondas, Tobi, um forte abraço.

E por último a meu Pai e minha Nega Véia. Ainda me lembro do dia que aprendi a andar de bicicleta... Do dia que entrei no mar pela primeira vez para surfar e minha mãe, preocupada, chamou os bombeiros para me salvar. Da viagem que fiz com meu pai, no início da década de 90 para acampar nas dunas da Joaca. Das fugidas que dei com minha mãe para viver aventuras de mãe e filho. Do barraco que construímos, todos, juntos. Vocês são ao mesmo tempo pais, professores, amigos, mestres...Eu sou muito grato a vocês por tudo. Podem contar comigo...por toda a sua vida, eu sei que vou lhes amar. Ni, meu mano, à você também, um grande abraço.

Será que faltou alguém...

*Claro... Mestre Cardoso...você é um verdadeiro orientador, ou melhor, orienta-amor...Muitas risadas, muita leveza, muita alegria e paz no seu olhar. Nos vemos em outras dimensões para além do espaço-tempo. Pra você: aquele abraço.
E não poderia faltar um enorme agradecimento a minha Bicicleta. Eu te amo...muito...*

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	9
2-APROFUNDANDO A PROBLEMATIZAÇÃO	
2.1-Educação Física para quê?.....	14
2.2-Concepções críticas da Educação Física.....	15
2.3-O “se transportar” de bicicleta e a Teoria do Movimento Humano.....	20
2.4-A bicicleta nas cidades: uma opção equilibrada de transporte.....	25
3-FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	
3.1-Pesquisando através da ação.....	29
3.2-O campo de pesquisa.....	32
3.2.1-O PPP do Colégio de Aplicação.....	33
3.2.2-A Educação Física do Colégio de Aplicação.....	35
3.3-Fase exploratória e outros programas de “Bicicleta na escola”	36
3.4-Os encontros.....	46
3.4.1-Primeiro encontro - formação do grupo.....	49
3.4.2-Segundo encontro - Criando caminhos para a experimentação.....	52
3.4.3-Terceiro encontro - Buscando orientações para o trânsito.....	61
3.4.4-Quarto encontro - O passeio ciclístico.....	64
4-APRENDENDO E COMPREENDENDO O PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO – permanecer no fluxo <i>continuum</i> do espaço-tempo.....	
67	
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
6-REFERÊNCIAS	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Procedimento do Roteiro metodológico da pesquisa.....	30
Quadro 2 - Alguns exemplos de Programas de Bicicleta para escolares.....	44
Quadro 3 - Cronograma dos encontros.....	47
Quadro 4 - Cronologia dos momentos de Tomada de Decisão durante o projeto.....	48

RESUMO

Esse trabalho é uma experiência pedagógica com a bicicleta na escola. A partir de alguns elementos da pesquisa-ação realizamos, com alunos de 5ª e 6ª séries, três encontros e um passeio ciclístico. Nosso objetivo foi experimentar a bicicleta como conteúdo para programas de Educação Física escolar e nos aproximar da metodologia da pesquisa-ação como forma de abordar problemas da realidade escolar. A proposta dos encontros foi elaborada a partir das concepções críticas da Educação Física (Aulas Abertas às Experiências e Crítico-emancipatória) e da Teoria Dialógica do Movimento Humano. Tivemos como temas geradores: 1) brincadeiras e jogos com a bicicleta; 2) manutenção básica; e 3) educação no trânsito. Por fazer parte da realidade extra-escolar de muitas crianças e jovens, a bicicleta se mostrou uma ótima opção para superar a ‘mesmice’ das propostas tradicionais para a Educação Física escolar.

Palavras-chave: Pesquisa-ação; bicicleta; Educação Física escolar; ‘se-transportar’.

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física brasileira tem acumulado quase 30 anos de reflexão crítica acerca de suas concepções, objeto de estudo e metodologias de intervenção. Toda essa discussão teórica aproximou a Educação Física das ciências humanas e uma significativa transformação, pelo menos no plano teórico, se fez presente na área. A Educação Física deixou de dar atenção apenas a questões técnicas-esportivas ou biológicas-corporais e começou a se preocupar e refletir mais sobre seu papel educacional, ou seja, suas possíveis contribuições para o desenvolvimento integral do ser humano, tendo como sua meta principal, antes de tudo, ampliar e aprofundar a formação desse ser humano nos cursos de formação de professores. Nesse sentido, podemos afirmar que uma base teórica, chamada de Educação Física progressista ou Educação Física crítica, bastante estruturada foi desenvolvida e continua sendo estudada pelos pesquisadores da área. Dentre as Concepções Críticas da Educação Física, a Crítico-superadora (COLETIVO de Autores, 1992), Crítico-emancipatória (KUNZ, 1991) e Aulas Abertas às Experiências (GRUPO de Trabalho Pedagógico, 1991), são algumas das principais linhas de pensamento dessa nova Educação Física e são hoje em dia, amplamente difundidas nos cursos de graduação. No entanto, todo esse processo tem demonstrado uma dificuldade de se aproximar da realidade concreta e contribuir para uma transformação efetiva da Educação Física escolar.

A partir dessa problemática, buscamos nesse trabalho realizar uma pesquisa que pudesse experimentar no contexto escolar uma alternativa de intervenção pedagógica, diferente dos esportes de quadra característicos das aulas de Educação Física (futebol, vôlei, basquete, handebol) e que tivesse relação com o mundo vivido das crianças no contexto extra-escolar. É

importante deixarmos claro, desde o início, que a busca de alternativas a essas práticas não se trata de uma tentativa de excluí-los dos programas de Educação Física, negando a relevância educativa do esporte para a formação do ser humano. Durante algum tempo o pensamento crítico da área acusou o esporte e suas práticas de reproduzirem valores de uma sociedade excludente e competitiva, adotando então um discurso excludente em relação ao esporte nos contextos educacionais. Mais tarde essa postura foi superada e o esporte repensado, a partir de sua transformação didática (KUNZ, 1994) e da reflexão crítica, como conteúdo importante para as aulas de Educação Física. Sendo assim, a busca de alternativas para as aulas na escola não significa uma negação ao esporte, mas sim uma tentativa de ampliar, através da experimentação prática, o universo de possibilidades, conteúdos e temas de intervenção para a Educação Física escolar.

Como professores em formação (deveríamos todos, professores, nos lembrar da necessidade de estarmos sempre em formação) essa experimentação foi muito significativa. Através desse trabalho tivemos a oportunidade de nos aproximar do contexto escolar e conhecer mais a fundo as possibilidades e limites referentes às ações educativas alternativas e transformadoras, ou seja, que contribuem de fato para um processo de emancipação humana.

Nesse contexto escolhemos a bicicleta como tema desse trabalho, buscando aproximá-la da escola, a partir da Educação Física, essa popular e rica “ferramenta pedagógica”. A bicicleta é ao mesmo tempo brinquedo, brincadeira, esporte, jogo, meio de transporte, nos oferecendo um vasto campo de possibilidade para o desenvolvimento de atividades educativas. Sua utilização é amplamente difundida entre pessoas de todas as idades, culturas e classes, sendo, entre as crianças e jovens, tão popular quanto o futebol. Apesar de sua popularidade, a Educação Física parece não perceber sua potencialidade pedagógica e pior que isso, não percebe a importância que a bicicleta tem no mundo vivido das crianças e jovens. Junto ao exposto, a bicicleta está hoje, em diversos países, presente no centro das discussões relacionadas com a necessidade de transformação da lógica de organização

urbana nas cidades assim como parte do processo de reversão da dramática situação ambiental que vivemos hoje no planeta devido a emissão de gases poluentes entre outros problemas.

Através dos caminhos apontados pela pesquisa-ação o presente trabalho experimentou realizar com alunos de 5ª e 6ª do Colégio de Aplicação da UFSC, uma série de atividades envolvendo a bicicleta. Foram realizados três encontros na escola e um passeio ciclístico aberto à comunidade. O processo que viabilizou a realização das atividades envolveu, além dos pesquisadores, a participação de professores do colégio, pais e alunos.

Muitas crianças utilizam a bicicleta para se transportar e nesse movimento têm a oportunidade de experimentar uma série de emoções e situações que permitem que elas se descubram. Através do diálogo que elas estabelecem com o mundo sobre as duas rodas, as crianças ampliam seus horizontes “se-transportando” não só para outras ruas, outros bairros, outros mundos como têm a oportunidade de acessar outras dimensões espaço-temporais. Dentre as emoções vivenciadas pela bicicleta podemos destacar a liberdade como uma das principais (como foi expresso por algumas crianças nas conversas durante os encontros).

A bicicleta é um conteúdo importante para a educação porque faz parte do mundo de movimentos das crianças, ou seja, ela tem um significado e sentido para elas e uma relação concreta com suas experiências de movimento extra-escolares. Kunz (1991) coloca essa questão como fator fundamental no processo decisório para a escolha dos conteúdos para as aulas de Educação Física.

A inclusão deste mundo de movimento da criança fora da escola na Educação Física somente poderá ser bem sucedida quando a Educação Física e o Esporte tradicional forem questionados, sua evidência e inquestionabilidade discutidas e o Sentido de sua prática e sua relação com o contexto sócio-político e econômico do País, entendidos (p.196).

Além da idéia de experimentar outro conteúdo para as aulas de Educação Física, buscamos com esse trabalho estabelecer uma relação com

as crianças, na qual o diálogo e consideração por suas experiências/saberes, idéias e sobretudo estimulando que se expressassem, criassem, interagissem entre si, se comunicassem e que refletissem sobre sua condição enquanto ciclista na cidade. Sabemos que, infelizmente, nossa educação em geral, incluindo a Educação Física, se caracteriza por uma educação “bancária” (FREIRE, 1974), na qual o processo ensino-aprendizagem é centrado exclusivamente no professor, sem que os educandos tenham tempo e espaço para expressarem suas idéias, suas visões, suas dúvidas, fazendo com que as crianças demonstrem uma certa dificuldade inicial para se perceberem como agentes importantes no processo de ensino-aprendizagem.

A Educação, muitas vezes, parece ensinar a copiar, reproduzir, e nesse sentido a Educação Física se limita a ensinar a imitação de movimentos, colocando o foco de sua intervenção na execução “correta” de padrões de movimento previamente determinados. Nosso trabalho consiste justamente em buscar superar essa relação, tentando criar o espaço necessário para que as crianças se expressem e se experimentem. Isso não precisa ser algo forçado e artificial, simplesmente precisamos nos ater ao fato de que ao estabelecer uma relação horizontal com qualquer outro ser humano, criamos esse espaço. Depois que essa relação é estabelecida percebemos que a aproximação com as crianças acontece quase que instantaneamente e aos poucos elas se mostram mais presentes e integradas ao processo.

Sendo assim, era fundamental que as crianças quisessem estar ali. Acreditamos que qualquer contexto que tenha a pretensão de servir como oportunidade para a prática educativa não pode ser compulsório. Isso é uma vantagem de programas extra-curriculares, nos quais os participantes têm a oportunidade de escolher modalidades ou práticas que lhes tenha algum significado. Para aprendermos, incorporarmos de fato, qualquer conhecimento, é fundamental que exista um significado, um sentido atribuído por nós mesmos (e não um significado ou um sentido externo). Talvez esse seja justamente o problema dos currículos ou planos de ensino (programas de Educação Física) extremamente fechados. Acreditamos que somente desta maneira podemos ter certeza que o envolvimento de nossos alunos no processo de ensino-

aprendizagem possa gerar práticas e saberes relevantes para a formação do ser humano.

Precisamos refletir sobre quais são as mudanças necessárias em nossas práticas pedagógicas. Precisamos pensar mais nos motivos que levam à necessidade de quase que obrigarmos os alunos a participarem das aulas. Precisamos de atitude e movimento, ação e reflexão para mudar. Mas antes disso tudo, é necessário percebermos as razões que nos fazem querer mudar, qual o sentido da mudança, qual o significado daquilo que estamos fazendo como educadores, em conjunto e através da dialogicidade. Por isso acreditamos que a pesquisa-ação é uma metodologia que deve ser compreendida pelos professores de Educação Física, interessados e comprometidos em busca de caminhos mais significativos para suas intervenções.

2 - PRIMEIRA PARTE - Aprofundando a problematização

2.1. Educação Física para quê?

Acreditamos que pensar e experimentar transformações na Educação Física escolar requer uma reflexão prévia sobre qual seria seu papel na escola, ou seja, qual seria a contribuição da educação física para a educação do ser humano. A busca por uma legitimidade na área da educação física vem fazendo parte do cenário acadêmico por algum tempo. Sua função disciplinadora e formadora de cidadãos saudáveis já foi superada e deu lugar principalmente à formação para o esporte e mais recentemente como promotora da saúde através da atividade física.

Qual a concepção de educação física que defendemos com esse trabalho? Uma educação física que permita o conhecimento de si, que permita a expressão, que estimule a criatividade, a sensibilidade, que explore movimentos, que experimente um esporte mais prazeroso e consciente (equilibrado), que valorize as experiências do mundo vivido das crianças e traga essas experiências para serem vivenciadas, problematizadas, aprofundadas nas aulas e compartilhadas entre os colegas. Uma educação física que construa um conhecimento que tenha um significado para as crianças, que contribua com sua educação da forma mais ampla possível, ou seja, que permita que elas desenvolvam autonomia, criticidade, responsabilidade. Uma educação física criativa, comunicativa, expressiva, acolhedora, que respeita as individualidades, que permite a participação efetiva de todos, e é por isso que essa Educação Física se caracteriza como aquela que 'cultiva o ser' do ser humano.

Claro que estamos falando aqui de uma educação física que para nós é ideal e utópica¹, no entanto tudo isso que colocamos acima é o que consideramos necessário para direcionar e justificar nossas ações pedagógicas. O processo de transformação da educação física demanda um enorme esforço, um comprometimento, uma vontade, intenção e ação-reflexão para que de fato a possibilidade de transformação se torne realidade.

A educação física precisa superar sua prática de adestramento e proporcionar mais esclarecimento. Precisa se preocupar menos com o desenvolvimento motor e mais com o desenvolvimento do 'brincar e amar' de Maturana & Verden-Zöller (2004). A educação física precisa deixar de reproduzir uma lógica esportiva centrada na sobrepujança e na comparação objetiva e promover mais a experiência do sucesso, da emoção de compartilhar alegrias, desafios.

A emoção que estrutura a coexistência social é o amor, ou seja, o domínio das ações que constituem o outro como um legítimo outro em coexistência (p.45).

A educação física precisa colocar mais atenção no primeiro termo que compõem seu nome (Educação como Cultivo do Ser). Precisa se preocupar mais com sua função educativa e através da experiência da corporeidade possibilitar que as crianças ampliem sua percepção sobre o mundo, sobre elas mesmas, sobre a maneira que se relacionam com tudo e com todos.

2.2. As Concepções Críticas de Ensino da Educação Física

Concepção de ensino é a maneira, o modo ou o estilo como concebemos ou formulamos nossas intervenções como professores. Uma concepção de ensino não é algo que vem isolado de um contexto maior, como por exemplo uma concepção de mundo. Se um professor vê a realidade social como algo "normal" e imutável, onde educar é ensinar as pessoas a se adaptarem à realidade, ele vai planejar (ou não planejar) suas aulas com esse

¹ De acordo com Marinho (2005), organizado por S. V. Goellner, tal palavra vem do grego *ou + topos* = lugar que não existe ou não-lugar, fora do tempo, no entanto dentro do espaço-tempo interdimensional.

intuito. Caso o professor tenha uma postura mais crítica da sociedade, percebendo as relações de poder e os diferentes papéis assumidos pelos indivíduos dentro da dinâmica social que resultam nas diferentes condições de vida, ele terá uma abordagem completamente diferente de outro professor. Ou seja, é a partir da maneira como o professor vê o mundo que ele vai adotar determinadas escolhas e ações que acredita condizer com seus objetivos educacionais.

Foi a partir da década de 80, quando a conjuntura sócio-política do país começou a ter abertura para pensamentos mais críticos da sociedade, que a Educação Física começou a ser pensada para além do esquema técnico-biológico, trazendo para área as reflexões oriundas das Ciências Sociais e Humanas, embora considerando duas vertentes fundamentais. Uma delas com origem no pensamento histórico-dialético e a outra com origem na Fenomenologia. Foi a partir daí que surgiu o chamado “Movimento Crítico da Educação Física” que propõe uma visão transformadora, onde o professor, partindo, tanto de uma leitura sócio-histórica da realidade como na compreensão dos fenômenos individuais e sociais, pode, através da sua prática, desenvolver o espírito crítico, a denúncia, a autonomia, “superando e/ou emancipando” a realidade díspar das classes sociais, tornando os cidadãos com uma visão mais “aberta” e com uma atitude “libertadora” perante a vida.

Uma das primeiras metodologias que caminhavam na trilha da transformação da Educação Física e que teve grande repercussão no Brasil e da qual, nesse trabalho iremos nos aproximar mais, foi a **Concepções Abertas no Ensino da Educação Física** de Hildebrant & Laging (1986). Proveniente da Alemanha, essa é uma concepção bastante ousada e polêmica. Tem como ponto de partida a crítica ao modelo conservador e opressor das práticas “corporais adestradoras” , ou seja, os esportes normatizados em geral. A proposta é inverter a compreensão do processo educativo, deslocando o foco da aula do professor para o aluno.

Esse tipo de *aula* surgiu como uma forma de descentralizar a condução da aula pelo professor, visando maior participação do aluno no planejamento e

no desenvolvimento da aula. Para esta concepção, o aluno deixa de ser objeto da aula, para se tornar um sujeito. Assim, por meio das aulas abertas espera-se que os alunos se tornem capazes de viver a realidade esportiva com suas múltiplas possibilidades e situações didaticamente preenchidas. (Hildebrandt & Laging apud MEZZARROBA, 2004).

Esse modelo de aula prevê então uma metodologia direcionada para ampliar o grau de possibilidade de co-decisão com os alunos, onde o planejamento do professor abre espaço para os desejos e interesses dos estudantes, como forma de ampliar a sua participação nas aulas, na sociedade e, sendo assim, no mundo. Dessa forma, as características principais das aulas abertas é a criação de situações e/ou arranjos didáticos para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem, fundamentadas nas intenções do professor e dos alunos. Assim, o esporte é determinado como uma atividade modificável, praticável, treinável, assistível, reflexível e por último o modo de transmissão deve permitir aos alunos a possibilidade de agirem “autonomamente, visando a criatividade, a comunicação e a cooperação (...) O aluno se torna sujeito de seu próprio processo de aprendizagem”.

Em 1991, o Grupo de Trabalho Pedagógico da UFPe e UFSM se reúne para elaborar um trabalho com base nessa concepção. Nesse momento os envolvidos buscam dialogar com o pensamento pedagógico brasileiro, representado por autores como Paulo Freire, Gadotti e Saviani. No livro resultante desses trabalhos e experiências didáticas, intitulado *Visão Didática da Educação Física* busca-se trabalhar numa formação para a ação de:

... pessoas que possam atuar em diversos setores da sociedade, mas que, ao mesmo tempo, estejam interessadas no desenvolvimento de uma sociedade democrática e que sejam capazes de participar racionalmente na mudança desta sociedade (Hildebrandt apud GRUPO de Trabalho Pedagógico UFPE/UFSM, 1991, p.36).

É nessa onda que o Professor Kunz publica em 1991, ***Educação Física: ensino e mudanças***. Sua obra é uma síntese de seu trabalho de doutorado realizado na Alemanha. Por ter estudado com professores vindos do exterior (durante seu mestrado na UFSM em Santa Maria/RS), e posteriormente ter

encontrado vários deles, no seu doutoramento na Alemanha, o educador brasileiro Paulo Freire já tinha conquistado as reflexões didático-pedagógicas dos professores alemães. Kunz (1991), propõe conceitos para a Educação Física, a partir de reflexões sobre o mundo vivido e o mundo do movimento humano relacionados às identidades culturais e às implicações políticas e sociais da atuação educativa. Além da concepção de ensino freireana, Kunz tem como bases filosóficas de seu trabalho a Fenomenologia de Merleau-Ponty e o pensamento crítico da Escola de Frankfurt. Daí surge uma formulação de algumas “perspectivas para a Educação Física e suas transformações práticas”.

O objetivo seria conhecer e aplicar o movimento conscientemente, libertando-se de estruturas repressoras e limitadoras como o esporte institucionalizado. A proposta é reinventar o esporte valorizando o mundo vivido das crianças. Segundo Kunz (1994) no seu livro ***Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*** diz que:

o aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para a sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica (p. 31).

Nessa concepção a relação professor/aluno se fundamenta dentro de uma ação comunicativa problematizadora, visando uma interação responsável e produtiva. Já podemos notar uma aproximação evidente entre a teoria crítico-emancipatória e a concepção de aulas abertas às experiências.

Foi também em 1992 que o famoso livro do Coletivo de Autores é publicado. Diversos intelectuais da área, entre eles Lino Castellani, Valter Bracht, Celi Taffarel, Carmem Lúcia Soares e outros, se reúnem em Campinas para escrever ***Metodologia do Ensino da Educação Física***. Nesse trabalho os autores têm como base filosófica o materialismo-histórico-dialético, levando-nos antes de tudo a analisar o contexto social, entendendo as questões de classes e entendendo os respectivos interesses. Daí que a ação pedagógica parte da observação da realidade social (observar as relações na escola, na comunidade, na família), para então interpretar, refletir sobre tudo isso e buscar

agir (dentro da aula de Educação Física e fora dela também), de acordo com os interesses da classe trabalhadora.

A concepção Crítico-Superadora traz como proposta reflexiva o embate muito forte da Educação Física que é a questão cultural *versus* a questão biológica, ou melhor, a *Cultura Corporal* e o *Desenvolvimento da Aptidão Física*. É dessa discussão que os autores buscam superar o pensamento técnico-biológico argumentando que ele vai ao encontro dos interesses das classes dominantes “mantendo a estrutura da sociedade capitalista”.

O Coletivo (1992) aponta para o seguinte, pois ele:

Busca, por sua vez, educar o homem forte, ágil, apto, empreendedor, que disputa uma situação social privilegiada na sociedade capitalista. Enquanto que a perspectiva da Reflexão sobre a cultura corporal busca contribuir para a afirmação dos interesses das classes populares, desenvolvendo uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal. E ainda, está orientada de forma a articular a Luta pela transformação educacional, democracia do país e Prática transformadora (p. 56).

Outro ponto interessante é a proposta de organizar o ensino por ciclos de aprendizagem. Baseados em Vygotsky eles apresentam 4 ciclos: educação infantil à 3ª série: é o ciclo de organização e identidade dos dados da realidade; da 4ª a 6ª séries, é o ciclo da iniciação à sistematização dos dados da realidade; da 7ª a 8ª séries, é o ciclo da ampliação da sistematização do conhecimento; e o ensino médio é o ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento.

Como valorização da cultura e da cultura corporal dos envolvidos essa concepção valoriza o jogo, a ginástica, as danças e os esportes como conteúdo para as aulas. O enfoque metodológico é a vivência dessas práticas, que devem ser contextualizadas a partir de uma abordagem histórica, e com a reflexão sobre o significado ou sentido dessas práticas. Por exemplo, o futebol é jogado e trabalhado, porém esse tema é problematizado para além da técnica e surgem perguntas como: “Quem joga futebol, porque joga e etc...”.

2.3. O “se-transportar” de bicicleta e a Teoria Dialógica do Movimento Humano

Depois de discutirmos sobre qual a contribuição da Educação Física para a educação, gostaríamos de fazer algumas reflexões acerca do movimento humano e sua relação com a bicicleta e com o pedalar. Aqui nos apoiamos nos autores que defendem uma teoria do movimento fundada em referenciais humanos e não meramente físicos. Em outras palavras, não importa o movimento em si, mas o indivíduo que o realiza e os sentidos/significados que essa pessoa estabelece ao “se-movimentar”.

Se-movimentar é a forma de um agir original do ser humano por meio da qual ele se garante como ser-no-mundo e na qual – neste agir – ele mesmo, como sujeito, e o mundo, como sua contraface imaginária, adquirem contornos visíveis (TREBELS, 2006, p. 40).

O movimento humano tem sido estudado pela Educação Física a partir dos referenciais da Biomecânica, Fisiologia, Anatomia e outras que têm sua matriz científica nas Ciências Naturais. A Biomecânica se utiliza principalmente da Física (mecânica newtoniana) e da Fisiologia para interpretar o fenômeno do movimento humano e suas análises adquirem apenas sentido quantitativo. Nessa perspectiva o movimento humano é interpretado como o deslocamento de um corpo ou parte deste no espaço tridimensional, em um determinado período de tempo quadridimensional (ambos compreendidos somente a partir da concepção de tempo linear horizontal).

Essa concepção de movimento, que é hegemônica na Educação Física, é muito útil para algumas situações, como por exemplo, no esporte de rendimento e projetos relacionados com ergonomia, nas quais a capacidade de rendimento físico (no tempo e no espaço) é o objetivo principal. Nessas análises, segundo Kunz (1991), a subjetividade do indivíduo que realiza o movimento não é importante. O importante é quanto tempo e quanta energia é utilizada para realizar o movimento e sua interpretação é puramente técnica, portanto, “estas formas de investigação, porém, não abrangem toda a Realidade do Movimento Humano, a complexa teia de relações que envolve esta realidade” (p.163).

Na escola, essa concepção de movimento é introduzida na Educação Física pelas práticas esportivas normatizadas. Estas formas preestabelecidas de movimento (técnicas esportivas), são comprovadas ser as mais eficientes, ou seja, que permitem sempre o melhor rendimento, pelas regras esportivas que, dentro da lógica vigente, “precisam” ser apreendidas pelos alunos. De acordo com o autor a Educação Física trabalhada nessa perspectiva acaba reproduzindo, de forma irrefletida, o esporte institucionalizado tendo como consequência o “Selecionamento”, a “Especialização” e a “Instrumentalização” do e pelo movimento.

Esta forma irrefletida do ensino do Movimento Humano através do esporte, ou seja, este domínio da concepção esportiva do Movimento Humano, talvez pudesse em parte ser superada se interpretássemos o Movimento Humano na sua Concepção mais ampla de fenômeno Antropológico, Sócio-Cultural e Histórico (p. 165).

Essa concepção técnica de movimento humano é considerado por Hildebrandt (2001) como “antipedagógica” (p. 99), sobretudo porque “o aluno está alheio ao seu movimento e, conseqüentemente, ao seu corpo. Ele é um objeto no qual deve ser implantada uma forma estranha de movimento” (p. 103). O foco do processo ensino-aprendizagem está naquilo que o professor conhece, apoiado na biomecânica e nas regras esportivas, como movimento correto e a relação professor-aluno se caracteriza como um monólogo centrado no professor. Nessa perspectiva a Educação Física se aproxima de uma concepção de educação “bancária” na qual, de acordo com Freire (ver data) o conhecimento é transmitido (depositado) para os alunos. Por isso Kunz (2006) afirma que “Trabalhar com o ensino do movimento humano que leva à cópia e imitação é reprimir e até eliminar sentimentos, emoções e realizações mais importantes da vida de uma pessoa” (p. 21).

Contrapondo essa concepção técnico-mecânica de movimento, trazemos como alternativa o conceito de “se-movimentar”, no qual o movimento humano passa a ser concebido como uma forma do indivíduo se relacionar com o mundo, numa espécie de diálogo, no qual o movimento é o resultado da interação homem-mundo. Essa Concepção Dialógica do Movimento Humano é apresentada por Gordjin, pedagogo holandês, e por seu aluno Tamboer. Esses

autores se apóiam, principalmente na fenomenologia que tem como questão central a tentativa de superar a questão do dualismo e dicotomias na compreensão de homem como sujeito-objeto, homem-mundo, corpo-espírito (TREBELS, 2006; KUNZ, 1991).

Sendo assim, a Concepção Dialógica do Movimento é uma forma de compreender o fenômeno do movimento humano como sendo essencialmente relacional. Hildebrandt (2001), com apoio nas idéias do holandês em Gordjin coloca: “o movimento é compreendido como não sendo do homem e nem do mundo, mas, sim, somente do seu relacionamento” (p. 105). É a partir desse relacionamento, de nossas ações motoras, que vamos construindo um repertório de significados e de movimentos denominado de “Cultura de Movimento”.

Ao compreender o movimento humano a partir dessas reflexões, temos que buscar uma abordagem pedagógica coerente com essa visão. Se acreditamos que o movimento é essencialmente uma forma de nos expressarmos, de nos relacionarmos com o mundo através de nossas próprias descobertas, de nossas experiências, é de fundamental importância que numa relação de ensino-aprendizagem exista o espaço para que isso tudo se desenvolva. Esse espaço aparece na abertura que os professores criam para estabelecer um verdadeiro diálogo com seus alunos. Kunz (1991) identifica em seu primeiro livro, *Ensino e Mudança da Educação Física*, uma estreita relação entre a Concepção Dialógica do Movimento Humano e o processo ensino-aprendizagem de Paulo Freire.

Um dos conceitos centrais da obra de Freire é a dialogicidade. Para ele é inconcebível que um conhecimento realmente significativo e útil possa ser construído através de mera transmissão de técnicas e informações. Tanto para a Concepção dialógica-problematizadora de Freire como para a compreensão de movimento de Gordjin, é fundamental partirmos do mundo vivido dos indivíduos, da realidade concreta, de suas experiências, para então, através das diferentes formas de diálogo, colocarmos nossa atenção nas inter-relações emergentes entre os envolvidos no processo e na relação deles com o mundo.

É por isso que os pensadores progressistas da Educação Física defendem uma mudança radical na forma de relacionamento entre professores e alunos de Educação Física.

A Concepção de Ensino-aprendizagem na Educação Física brasileira (...) tem a tendência de ser essencialmente diretiva, isto é, centrada no professor, justificando-se, em parte, pela prioridade a conteúdos do esporte de rendimento, que requerem uma metodologia de trabalho baseada no treinamento esportivo, e com isto um caráter de domesticação. Torna-se necessária, então, além da mudança na concepção de conteúdos, desenvolver perspectivas, também, em relação às mudanças na concepção Ensino-aprendizagem (KUNZ, 1991. p. 189).

Foi a partir dessas idéias que nossas ações pedagógicas buscaram se orientar. A bicicleta² se apresenta, como já mencionamos anteriormente, como parte do mundo vivido das crianças e por isso é um conteúdo relevante para a Educação Física. Além disso, a forma como as crianças geralmente a utilizam, brincando livremente, se desafiando, criando novas possibilidades, caindo e apreendendo a reconhecer seus limites, ou seja, dialogando com o mundo, é essencialmente dialógica. Para evidenciar essa relação podemos observar crianças (tanto nas imagens produzidas durante os encontros, como em outros contextos) pedalando e vivendo as diferentes experiências, aprendendo, construindo sua cultura de movimento. Talvez a diferença entre o brincar espontâneo das crianças com suas bicicletas e o pedalar em uma atividade de Educação Física da escola esteja na ação pedagógica do professor, que seria no caso, trazer a atenção dos alunos para o processo que eles estariam vivendo. O professor, nesse caso, é a figura que estimula esse diálogo com o mundo através da criação de situações, nas quais as crianças poderiam se experimentar e problematizar as questões que surgem no interior desse processo.

² Quando falamos “bicicleta” estamos tratando também do produto da relação entre ciclista-máquina, o “se-transportar”, como uma referência ao termo “se-movimentar” mais comumente utilizado em nossa área. Não queremos, ao escrever bicicleta, que se entenda somente o objeto, mas também ‘o pedalar’, as emoções, sentidos e significados que esse brinquedo/meio de transporte tem para os alunos.

Voltando para a questão do se-movimentar, gostaríamos de fazer uma reflexão acerca da relação ser-humano-máquina através do que chamamos de “se-transportar”. A bicicleta é sem dúvida um meio de transporte. No entanto não podemos, depois do exposto, considerar que ao nos movimentarmos com a bicicleta para nos transportar, simplesmente mudamos de posição no espaço (ex.: saímos do ponto A e chegamos ao ponto B em um determinado espaço de tempo). A compreensão do movimento humano como resultado do “diálogo” estabelecido com o mundo, nos permite ampliar nossa idéia de transporte. Através da bicicleta estabelecemos, sem dúvida, uma maneira distinta de nos transportarmos.

Em primeiro lugar, não somos transportados por alguma coisa e sim somos os próprios agentes do transporte. Trebels (2006) discute a estreita relação entre movimento e percepção. Ao sermos transportados temos uma determinada percepção e relação com o mundo e quando nos transportamos essa percepção/relação se transforma. De que forma? Torna-se mais sensível, mais orgânica, e evidentemente mais perceptível. Se subirmos uma rua a bordo de um ônibus, talvez nem percebamos que estamos subindo, enquanto que ao pedalarmos uma bicicleta, qualquer alteração no relevo, por menor que seja, é percebida.

Além disso, ao “se-transportar” em uma bicicleta o indivíduo que a utiliza acaba tendo um papel fundamental. O ciclista dá vida para a relação com a bicicleta. A energia daí resultante vai permitir um novo sentimento com a bicicleta, com a velocidade que estamos nos deslocando, com quais intenções continuamos a ‘viagem’ e assim por diante. Com isso, o indivíduo ganha um papel de destaque no processo de se transportar, pois é dele que surgirão os sentidos/significados daquele determinado transporte. Para concluir essa idéia, podemos dizer que é através do “se-transportar” que o indivíduo se relaciona com as mudanças, não só de localização, mas de estado de ser-no-mundo.

Mudamos nossa relação com o tempo e o espaço quando estamos “se-transportando”, dialogamos com o ambiente (outros ciclistas, carros, pessoas,

relevos, animais, tudo o que pode surgir ao redor da bicicleta) e construímos significados para nossas movimentações.

2.4. A bicicleta nas cidades: uma opção equilibrada de transporte

Nesse capítulo gostaríamos refletir sobre a importância que a bicicleta ganhou no cenário internacional da luta pela qualidade de vida nas cidades e contra a destruição do planeta. Sabemos que a bicicleta não é a solução para os problemas das cidades e da poluição ambiental, mas com certeza, faz parte do miolo de possibilidades para transformarmos as condições de vida dos aglomerados urbanos. A bicicleta já é um fator de transformação em cidades de grande importância em vários países do mundo.

Para dar início a nossas reflexões acerca da importância da bicicleta para que a humanidade ‘pedale’ em direção a um planeta mais equilibrado gostaríamos de deixar claro que quando defendemos mais espaço para as pessoas não estamos negando a importância dos meios de transporte motorizados. O que queremos é justamente um equilíbrio, na verdade um convívio harmonioso entre as diferentes formas de se locomover no lugar onde moramos. O automóvel, invenção humana de altíssima importância, está se tornando um vilão ambiental pela forma que nos acostumamos a utilizá-lo.

O ser humano tem a tendência de se acomodar, de criar hábitos, condicionamentos. Conceber a bicicleta como forma de se-transportar exige uma transformação interna, que para muitos, devido ao seu nível de condicionamento ao automóvel, é muito difícil. Por isso, o surgimento de uma cultura da bicicleta é um processo bastante complexo, mas que a história já mostrou ser possível.

Na Holanda, sempre um país de referência quando falamos de bicicleta como meio de transporte, essa transformação ocorreu no início da década de 70. O que levou os administradores públicos a buscarem alternativas para o ‘se-transportar’ urbano foram os congestionamentos. Os carros foram gradativamente sendo abolidos dos centros urbanos e sua circulação passou a

ser periférica. No entanto todos os lugares da cidade ainda são acessíveis de carro. Copenhague é outra cidade que vem, gradativamente, se transformando no que os simpatizantes chamam de 'cidade amiga da bicicleta', com toda uma estrutura urbana projetada para priorizar a utilização da bicicleta e a circulação de pedestres. Isso demonstra que essa transformação da realidade depende de um planejamento de longo prazo e principalmente de um comprometimento político.

A I-ce, Interface for Cycling Expertise³, é uma ONG internacional, com sede em Amsterdã, que promove meios alternativos de transporte e planejamento integrado para o ciclismo. Com muita influência da cultura ciclística holandesa, essa organização desenvolve uma série de programas de apoio internacional e dá assessoria técnica para o planejamento e reestruturação urbana para o desenvolvimento cicloviário. Nesse aspecto Bogotá é um exemplo bastante significativo.

Em 1998 o prefeito Enrique Peñalós, com o apoio institucional da I-ce, desenvolveu um rigoroso plano para transformar a condição caótica que Bogotá apresentava. Com ruas tomadas por automóveis, muitos acidentes e poluição, o prefeito escolheu priorizar a vida, dando mais espaço para as pessoas, ao invés de buscar resolver o problema criando mais ruas e avenidas. No período entre 1999 e 2001 foram construídas mais de 240 km de ciclovias e um sistema de corredores para ônibus com estrutura adequada a integração bicicleta-ônibus. De acordo com Buis (2000) os benefícios obtidos com a implantação dessa política de transporte foram sete vezes maior que os investimentos. Bogotá é hoje, uma referência sul americana de transformação urbana, mostrando que a mudança é possível e acessível economicamente.

A bicicleta é também utilizada em muitas cidades como um dos componentes do sistema de transporte público. As 'bicicletas públicas' são um esquema que disponibiliza bicicletas para serem utilizadas pelas pessoas. No entanto, a implantação de sistemas desse tipo depende de pré-condições que a cidade deve oferecer, como é óbvio, ciclovias. Nesse contexto a cidade

³ www.cycling.nl

de Lion, na França, é referência mundial e sua experiência serviu de modelo para o sistema parisiense que foi implantado esse ano. O sistema oferece 2.000 bicicletas em postos espalhados por toda a cidade. Sua implantação fez com que, em um ano, a utilização da bicicleta como meio de transporte aumentasse 44%⁴.

No entanto, o Brasil parece estar ainda ‘aprendendo a andar de bicicleta’. Com aproximadamente 60 milhões de bicicletas (mas que o dobro do número de carros) o país conta com apenas 2500 km de ciclovias (XAVIER & MIRANDA, 2007). Não existem estudos consistentes sobre o número de ciclistas que utilizam a bicicleta como meio de transporte no Brasil, mas podemos observar sua utilização em todo o território nacional. Em muitas cidades brasileiras a bicicleta é o principal meio de transporte. No Brasil, assim como em outros países em desenvolvimento, a bicicleta não é uma escolha e sim uma necessidade. Isso se deve ao fato de muitas pessoas não terem condições financeiras para arcar com os custos com transporte. Xavier e Miranda (2007) nos mostram como o Brasil vem se organizando, tanto na esfera pública quanto na civil, para transformar esse cenário.

No âmbito governamental o Brasil começou a se preocupar com a questão da bicicleta nas cidades em 1976 com a publicação: *Planejamento Ciclovitário: Uma Política para as Bicicletas*, produzida pela então Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes, que consistia basicamente em um manual técnico para a construção de infra-estrutura ciclística. Nesses últimos 30 anos uma série de ações foram realizadas que podem ser resumidas da seguinte forma: i) uma organização federal de orientação para o transporte público; ii) a disseminação de uma ‘cultura’ de planejamento do transporte; iii) a implementação de diversas agências municipais de transporte com a função de gerenciamento e planejamento; iv) a formação de um corpo técnico e administradores públicos com uma boa experiência em planejamento de transportes. Nesse contexto o novo Código de Trânsito Brasileiro – CTB

⁴ Para maiores informações sobre a implantação de sistemas de bicicleta pública ver a publicação “Public bicycles: policy notes” produzida pela NICHES. Esse documento se encontra disponível em inglês no site: http://ange.archangelis.com/typo3/niches/fileadmin/New_folder/Deliverables/D4.3b_5.8_b_PolicyNotes/14397_pn4_public_bikes_ok_low.pdf

também pode ser considerado mais um passo em direção ao reconhecimento da bicicleta como meio de transporte.

Em 2003, com a criação do Ministério das Cidades, começa uma nova fase na história do planejamento urbano nacional. Em 2004 esse ministério lança o projeto Bicicleta Brasil, com a proposta de estimular os governos municipais a implantar sistemas cicloviários, direcionando ações para a segurança ciclística. Com isso as ciclovias do país aumentaram de 600 km para os 2.500 km anteriormente mencionados, representando um aumento de 316%⁵. Gostaríamos de lembrar que esses números são apenas indicativos de como a política de transporte público vem se relacionando com a questão da bicicleta. O que percebemos, de forma resumida é um certo avanço mas a necessidade de uma intensificação das ações, tomando como exemplo o caso de Bogotá.

Voltando agora nossa atenção para a cidade de Florianópolis podemos perceber que apesar do engajamento de entidades civis como o grupo CicloBrasil e a Viaciclo em diversos programas de promoção da bicicleta como meio de transporte, a cidade ainda não demonstra uma abordagem responsável para a utilização da bicicleta. Com apenas 22 km de ciclovias desconectadas, muitas ruas estreitas e vias de conexão entre os bairros sem calçadas ou acostamentos andar de bicicleta nas ruas de Florianópolis é bastante complicado. Assim, como constatamos acima, a cidade, apesar do ‘esforço’ institucional do IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, carece de ações que possam de fato tornar a transporte ciclístico uma opção considerável. A falta de estrutura ciclística e o condicionamento ao carro são os principais fatores que impedem as pessoas de utilizarem a bicicleta como meio de transporte.

⁵ Dados oriundos da matéria da Folha de São Paulo, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2209200728.htm>

3. SEGUNDA PARTE - A Pesquisa

3.1. Pesquisando através da ação

Nessa pesquisa utilizamos como referencial metodológico alguns elementos básicos da pesquisa-ação, levando em conta o tempo disponível e minha experiência de pesquisador. Essa metodologia, oriunda em vertentes críticas (que buscam critérios) nas Ciências Sociais, tem como características principais, segundo Haguette (1992), a ação/intervenção coletiva, a junção entre teoria e prática (práxis) e a integração de pesquisadores e pesquisados nos processos de construção da pesquisa, se caracterizando fundamentalmente como um processo de educação coletiva. O foco da pesquisa-ação, conforme vários autores (HAGUETTE, 1992; THIOLENT, 1985; VELARDI, 2003), está no conhecimento gerado pelo processo desencadeado para encontrar a solução de um determinado problema ou para a execução de uma determinada ação.

Thiollent (1985) define pesquisa-ação como: “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (p. 14). Chizzotti (2006) nos apresenta de maneira concisa e esclarecedora as origens dessa metodologia com o americano Kurt Lewin. Para esse autor a pesquisa-ação acontece a partir de uma “seqüência espiral” na qual o pesquisador (“experimentador de campo”) precisa constantemente re-planejar suas ações, tomando decisões conjuntas a partir de cada avaliação.

Baseado em uma série de autores, Chizzotti (2006) resume o poderiam ser consideradas “fases” da pesquisa-ação: 1) fase da definição do problema;

2) Formolação do problema; 3) A implementação da ação; 4) Execução da ação; 5) Avaliação da ação; 6) Continuidade da ação.

Baseado nessas orientações para a organização de uma pesquisa-ação elaboramos nosso próprio roteiro:

Quadro 1 – Procedimento do Roteiro metodológico da pesquisa

FASES	Procedimentos/Encaminhamentos
Fase Pré-exploratória	Diferente da maioria dos trabalhos realizados a partir da pesquisa-ação optamos nessa pesquisa em definir o tema e a problemática da pesquisa <i>a priori</i> . Isso ocorreu devido ao tempo que tínhamos disponível para esse trabalho. A escolha do tema teve como motivação o mundo vivido do pesquisador e a necessidade de superar a ‘mesmice’ das aulas tradicionais de Educação Física.
Fase exploratória	Nessa fase buscamos nos aproximar do colégio, levando a proposta desse trabalho e buscando conhecer as possibilidades apresentadas por essa realidade e por outros programas que relacionavam de alguma forma a bicicleta com a escola.
Plano de ação	A partir do que observamos na fase anterior, elaboramos um plano de ação (intervenção).
Aprendizagem/coleta de dados	Durante as intervenções (encontros) compartilhamos com os participantes uma série de situações e tomadas de decisões que se caracterizaram como momentos de aprendizagem mútua e nos quais os dados dessa pesquisa foram coletados.
Tomada de decisão (Fio condutor da pesquisa e a aprendizagem do pesquisador)	Essa pesquisa tem como objetivo decidir em grupo. Esse procedimento foi o mais variado possível, ora partindo do pesquisador, ora dos alunos e ora de ambos.
Apresentação/divulgação	Apresentação do trabalho à comunidade acadêmica da UFSC e do Colégio de Aplicação

É importante lembrarmos que nesse tipo de pesquisa essas etapas não são rigidamente organizadas de forma que durante a realização do trabalho houve a necessidade, devido as circunstâncias que iam se apresentando, de transitar entre uma e outra fase. Em outras palavras, estávamos o tempo todo planejando, intervindo e avaliando cada passo dado.

Escolhemos como referência os princípios dessa metodologia porque esse trabalho se propõe realizar uma **experimentação pedagógica** na escola, através de uma intervenção prática, fundamentada nas concepções críticas da educação física. A pesquisa-ação se aproxima dessas concepções porque elas valorizam a participação dos indivíduos nos processos de construção de suas intervenções. É através da relação dialógica entre pesquisador e pesquisados, na pesquisa-ação, e entre educadores e educandos na educação, que o conhecimento é compartilhado. Na pesquisa-ação, esse processo ocorre em função da existência da ação-reflexão. Isso exige que os pesquisadores/pesquisados registrem e relatem com bastante atenção todos os caminhos percorridos na tentativa de solução do problema, para que depois possam ser interpretados e sistematizados pelos participantes da pesquisa.

Além de ser uma experimentação/intervenção que busca contribuir com a realidade da educação física do colégio, esse trabalho é também uma experimentação/compreensão da própria pesquisa-ação. Esse tipo de pesquisa é interessante para professores em formação porque se adequa a uma série de desafios/problemas característicos da realidade pedagógica que serão enfrentados durante a atuação profissional. Para Velardi (2003), os futuros professores comprometidos em contribuir com o processo de transformação da educação física terão que realizar muitas experiências e a pesquisa-ação se apresenta como uma ótima opção metodológica.

Essa metodologia exige que o pesquisador desenvolva, ou já possua uma série de habilidades (comunicação, interpretação, criatividade, relações pessoais) que devem ser amadurecidas. De qualquer maneira esse tipo de trabalho está mais comprometido com o processo de experimentação do que com seus resultados objetivos.

Além da realização da pesquisa propriamente dita, tivemos como objetivo, ao escolher a pesquisa-ação como metodologia, exercitar a habilidade de trabalhar com pesquisas desse tipo. Dessa forma, estamos cientes dos limites metodológicos desse trabalho. Outro fator limitante foi o tempo disponível. Pesquisas realizadas na perspectiva da pesquisa-ação, demandam um tempo de envolvimento razoável, geralmente, segundo alguns autores, superior a seis meses. Mesmo assim, sabedores de que isso poderia estar sendo um limite, nos propomos a usar alguns elementos básicos desse tipo de investigação, até porque, se não for assim, fica difícil, durante o processo de formação, onde temos à nossa disposição, pouco espaço de tempo para desenvolver habilidades de um futuro pesquisador, nunca conseguir utilizá-la como um método de pesquisa.

3.2. O campo de pesquisa

O Colégio de Aplicação, inserido no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, no município de Florianópolis, é uma unidade educacional que atende ao Ensino Fundamental e Médio. Ele foi criado em 1961, com a denominação de Ginásio de Aplicação, com o objetivo de servir de campo de estágio aos alunos dos cursos de Licenciatura e Educação da UFSC e de campo de experiências pedagógicas.

Até 1970, o Colégio atendia parcialmente o 1º Grau, de 5ª a 8ª séries com duas turmas por série. A partir desta data foi criado o 2º Grau (atual Ensino Médio), com matrícula inicial de 30 alunos, passando a denominar-se Colégio de Aplicação. Em 1980 foi complementado o 1º Grau (hoje Ensino Fundamental) com a implantação de duas turmas para cada uma das séries iniciais.

Atualmente o Colégio de Aplicação funciona em prédio próprio, no Campus Universitário e em 1988 ficou estabelecido o número de três turmas por série, com 25 alunos cada uma. O ingresso dos alunos se dá por sorteio público fazendo com que crianças e jovens de diferentes classes sociais

possam ingressar no Colégio. Assim, o Colégio compreende 35 turmas, sendo 12 de 1ª a 4ª séries e 12 de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e 11 turmas de 1ª a 3ª séries do Ensino Médio, totalizando 900 alunos.

O funcionamento da Escola ocorre em dois períodos (matutino e vespertino), de segunda a sextas-feiras, sendo que as aulas têm duração de 45 minutos, exceto as três primeiras aulas da 5ª a 8ª séries, as quais têm duração de 50 minutos.

Com relação aos aspectos físicos e à infra-estrutura da Escola, apresentamos os seguintes dados: a Escola possui 22 salas de aula; laboratórios de Biologia, Química, Física, Matemática, Geografia, Línguas e Multimídia; também possui Auditório, Biblioteca, Espaço Estético, Sala de Música e Oficinas de Educação Artística; Consultório médico e odontológico; sala de professores, sala de reuniões e salas de vídeo.

O Colégio conta com uma ampla área livre ao seu redor bastante arborizada e com vários espaços que são ocupados pelos alunos. Além disso o colégio tem três pátios cobertos e uma quadra esportiva.

Sendo uma Escola que oferece um amplo campo de estágio, pesquisa e extensão para os diversos cursos de Licenciatura da UFSC, a mesma possui uma Coordenadoria de Estágio e uma Coordenadoria de Pesquisa e Extensão.

3.2.1. O Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação

O Colégio está ainda sistematizando um Projeto Político Pedagógico (PPP) e disponibiliza no site⁶ da instituição os princípios norteadores do processo. São quatro tópicos: natureza, finalidade, filosofia e objetivos (geral e específicos).

⁶ Disponível em www.ca.ufsc.br em 20/10/2007

Quanto à *natureza*, o Colégio constitui-se numa escola experimental mantida pela Universidade, integrada ao Sistema Federal de Ensino, cujo objetivo é o desenvolvimento de diferentes práticas pedagógicas, além do desenvolvimento de atividades de pesquisa e extensão.

Suas *finalidades*:

- 1) servir de campo de ensino, pesquisa e extensão, voltado para o desenvolvimento de diferentes práticas pedagógicas;
- 2) proporcionar a prática de ensino aos alunos dos cursos de Licenciatura e Educação e os estágios supervisionados do Centro de Ciências da Educação, podendo ainda atender solicitação pertinentes ao Ensino Fundamental e Médio dos demais Centros da UFSC e de outras instituições públicas;
- 3) desenvolver práticas e produzir conhecimentos em função da qualidade de ensino, pesquisa e extensão;
- 4) formar cidadãos livres, conscientes e socialmente responsáveis;
- 5) instrumentalizar o educando para uma atuação crítica e produtiva no processo de transformação e construção consciente de uma sociedade justa, humanitária e igualitária.

Já a *filosofia* desta instituição é ser uma escola que se propõe à produção, transmissão, construção e apropriação crítica do conhecimento, bem como a sua divulgação, com a finalidade de instrumentalizar os educandos e educadores para a responsabilidade social e a afirmação histórico-simbólica, contribuindo para o exercício da cidadania.

A Escola também tem como *objetivo geral* a própria filosofia da instituição (como descrito no parágrafo acima). Como *objetivos específicos*, podemos citar os seguintes itens:

- 1) propiciar os conhecimentos necessários para instrumentalizar os educandos na sua atuação, tornando-os críticos e produtivos no processo de transformação do mundo e na conseqüente construção de uma sociedade justa, humanitária e igualitária;
- 2) possibilitar aos educandos a vivência de práticas democráticas concretas para que estes possam se desenvolver como sujeitos livres,

conscientes e responsáveis na construção coletiva de sua realidade histórica;

- 3) proporcionar e desenvolver atividades de pesquisa e extensão que contribuam para a melhoria do ensino, bem como para a formação continuada dos educandos.

Também achamos necessário expor algumas normas da Escola, aquelas que mais nos chamaram a atenção, e que seguem abaixo relacionadas:

- a partir da 5ª série, de acordo com a grade curricular da Escola, além do período normal de aulas, os alunos têm disciplinas obrigatórias que são ministradas fora do período normal (como no caso da Educação Física);
- existe um uniforme, para uso diário e obrigatório no Colégio: camiseta branca, padrão com emblema do Colégio; saia, bermuda ou calça azul ou jeans azul escuro; ou conjunto de agasalho azul marinho com o emblema do Colégio – os alunos devem comparecer uniformizados a todas as atividades escolares, sob a pena de não participar das mesmas;
- para a Educação Física também há um uniforme específico: camiseta branca ou amarela; calção ou short azul marinho; agasalho ou bermuda azul marinho ou agasalho antigo; meia cor livre e tênis desportivo.

3.2.2. A Educação Física do Colégio de Aplicação

A Educação Física (EF), entendida como uma disciplina integrante da organização disciplinar⁷ possui uma sistematização diferenciada para o Ensino Fundamental e Médio. No Ensino Fundamental a EF é feita com a própria turma, sendo que a EF concentra seus conteúdos nas várias modalidades esportivas (organizadas e trabalhadas trimestralmente). As turmas são separadas por gênero. Já no Ensino Médio cada aluno opta por uma

⁷ Juntamente com as disciplinas de: Biologia, Desenho Geométrico, Educação Artística, Educação Geral, Física, Filosofia, Geografia, História, Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras, Matemática, Química e Sociologia.

modalidade (como vôlei, futsal, basquete, atletismo, ginástica, handebol e natação) e as turmas são formadas de acordo com uma hierarquia de escolha (alunos do 3º ano têm preferência, depois os do 2º ano e por último o 1º ano) e se constituem de forma mista.

O Colégio de Aplicação possui treze professores de Educação Física, sendo dois substitutos. Desse total, cinco profissionais possuem o título de mestrado, seis têm o título de especialização e dois têm graduação.

Podemos observar a predominância de práticas esportivas, dentre elas os esportes de quadra e o atletismo, que tem como auge as “Olimpíadas do Colégio de Aplicação”, evento que acontece anualmente e mobiliza toda a escola. Com esse evento se evidencia a orientação pedagógica da Educação Física para o esporte, ajudando a construir o modelo das atuais Olimpíadas.

A concepção da atividade física como promotora da saúde, baseada em Nahas (2003), é compartilhada pela maioria dos professores que orientam sua prática de acordo com essa concepção.

3.3. Fase exploratória e outros programas de “Bicicleta na escola”

Depois de identificado o tema da pesquisa (bicicleta na escola) começamos o que Thiollent chama de fase exploratória (1985). “Consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou ‘diagnóstico’) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações” (p. 48).

Nessa fase tecemos uma rede de relações envolvendo professores de Educação Física do Colégio, um dos professores de História do Colégio que é ciclista e simpatizou-se com a proposta do projeto e a coordenação de pesquisa do C.A. O projeto foi apresentado a um dos professores de Educação Física do C.A. que levou a proposta para os outros professores. Fomos então convidados a participar de uma reunião de professores de Educação Física para apresentar pessoalmente a proposta ao grupo. Nossa intenção ao

apresentar a idéia aos professores era de que eles, de alguma forma, se interessassem das nossas idéias e contribuíssem com o processo. No entanto, a rotina das aulas e outros projetos, já em andamento, dificultou tal envolvimento dos professores, que mesmo demonstrando grande interesse não puderam participar efetivamente do processo. De qualquer forma, apenas o referido professor de Educação Física manteve um vínculo próximo com nossa proposta e acabou contribuindo em diversos momentos com a realização desse trabalho. Foi a partir de encontros com esse professor que definimos alguns pontos importantes do trabalho, como por exemplo, as séries de ensino em que a divulgação seria realizada.

Outro ‘personagem’ importante nessa fase exploratória foi um professor de história do C.A. que utiliza a bicicleta como meio de transporte diário. Encontramo-nos para debater e refletir sobre as intenções do projeto e suas possibilidades de realização no colégio. Nesse encontro tivemos a oportunidade de perceber a importância do mundo vivido (nossas experiências passadas), para o envolvimento com determinadas propostas. Conversamos durante três horas sobre a bicicleta, seu potencial pedagógico e sobre a possibilidade de se realizar um projeto envolvendo outras disciplinas. Esse envolvimento do professor de história é um reflexo dos significados/sentidos por ele atribuídos à bicicleta e ao pedalar, que é parte do seu mundo de movimento. É através do pedalar que ele “se-transporta”, tanto no sentido geográfico (objetivo) do termo quanto no subjetivo (“se-movimentar”).

Depois dessa primeira aproximação com os professores começamos o processo de entrada oficial do projeto no colégio. O projeto “Bicicleta na Escola” foi registrado como Projeto de Extensão do CDS/DAEX, e apresentado à Coordenadoria de Extensão e Pesquisa do C.A. Fizemos essa opção porque qualquer pesquisa que envolva seres humanos tem que ser submetida ao Comitê de Ética da Universidade, levando vários meses para que seja aprovado. Transformando o projeto de pesquisa em um projeto de extensão foi de fundamental importância para que tivéssemos tempo hábil para realizar esse trabalho. Além disso, tivemos a oportunidade de experimentá-lo já como

um projeto de extensão. O projeto foi apresentado à coordenadoria que nos deu uma declaração autorizando a realização das atividades no colégio.

Com a declaração da Coordenadoria de Pesquisa e Extensão em mãos, o projeto foi apresentado à coordenação de ensino fundamental (5ª a 8ª séries), para que o coordenador tomasse conhecimento. Ele nos autorizou a passar nas salas divulgando o projeto aos alunos das 5ª e 6ª séries do colégio.

A divulgação foi feita nas seis (6) turmas (três turmas de cada série com mais ou menos 25 alunos cada, totalizando aproximadamente 150 crianças) durante dois dias. No primeiro dia, passamos em sala com a presença do professor de Educação Física do colégio que nos ajudou a organizar a divulgação. O projeto foi divulgado duas semanas antes do início das atividades, no entanto, na semana que antecedeu às atividades, nova divulgação foi feita para lembrar os alunos do projeto. A agenda escolar é bastante cheia de atividades e o coordenador nos recomendou que é importante que a divulgação fosse feita com bastante afinco. A escola realiza passeios, saídas de campo, aulas de recuperação, aulas de Educação Física, sem contar outras atividades que as crianças realizam fora do contexto escolar, e o “Bicicleta na Escola” precisou encontrar espaço entre tantos eventos dentro da rotina do colégio.

Nas salas, apresentávamos o projeto e entregávamos um folheto explicativo para que os pais tivessem conhecimento das atividades. Esse folheto continha uma autorização que deveria ser assinada pelos responsáveis daqueles alunos que demonstrassem interesse em participar do projeto. Além disso, explicávamos para as crianças que para participar do projeto era necessário trazer sua bicicleta para a escola. As crianças poderiam pedalar para o colégio ou organizar o traslado de suas bicicletas até o Colégio.

Esse foi um dos primeiros problemas que surgiram. O transporte das bicicletas até o colégio não era fácil/possível para todos. Decidimos colocar esse problema como um desafio para os próprios alunos, ou seja, se eles realmente quisessem participar do programa tinham mais que 10 dias para

organizar o traslado das bicicletas. Esse tempo era suficiente para mandar a bicicleta para um mecânico, caso precisasse de reparos, ou ainda emprestar uma bicicleta caso não tivesse.

Não poder oferecer, como pesquisador, uma bicicleta a todos os que quisessem participar, foi sem dúvida um dos principais limites. A grande maioria das crianças tinha bicicleta ou poderia conseguir uma emprestada e o transporte até à escola foi o maior problema para a participação dos interessados no projeto.

Em algumas turmas, devido à falta de um professor, nos foi dado o tempo de uma aula inteira (50 minutos), para conversar com as crianças. Nessas conversas perguntávamos: por que elas gostavam de andar de bicicleta? e O que elas sentiam ao andar de bicicleta? Para essas perguntas é comum respostas que falam sobre o prazer, a diversão ou ainda a liberdade proporcionada pelo pedalar. Além disso, conversamos também, em algumas turmas, sobre a relação da bicicleta com questões ambientais como a poluição e aquecimento global, a falta de condições adequadas para utilizar a bicicleta nas ruas da cidade e sobre o Projeto CicloPoiesis⁸. Nas três turmas que tivemos a oportunidade de estabelecer esse diálogo a própria divulgação do projeto se caracterizou como um espaço educativo, um momento no qual existiu uma troca de idéias com as crianças na qual pudemos, mesmo que brevemente, refletir sobre problemas atuais e relacioná-los com a bicicleta. Evidencia-se mais uma vez o potencial interdisciplinar de uma proposta com essas características.

Através da relação estabelecida com o professor de Educação Física do Colégio conseguimos organizar a sala da Educação Física, onde são realizados semestralmente testes antropométricos nos alunos, para guardar as bicicletas durante a semana na qual o projeto foi realizado.

⁸ O projeto CicloPoiesis é uma ação-reflexão que busca problematizar as relações sócio-ambientais estabelecidas historicamente no planeta. Nesse contexto a bicicleta é colocada como uma possibilidade simbólica e ao mesmo tempo concreta de transformação dessas relações. Sendo assim o projeto tem como um de seus objetivos principais a promoção da utilização da bicicleta como meio de transporte. Para maiores informações: www.cicloviagem.org

O projeto foi agendado para acontecer na semana que antecede o Dia Mundial Sem Carro (22 de setembro). Esse dia faz parte de um Movimento Internacional em defesa do meio ambiente e da qualidade de vida nas cidades. O foco principal é proporcionar às pessoas um momento para refletir sobre os problemas decorrentes da utilização indiscriminada dos automóveis e a possibilidade de se transportar pela cidade utilizando meios de transporte não-motorizados. A prefeitura organizou, através do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis – IPUF, pelo quarto ano consecutivo, a VII Jornada Brasileira ‘Dia Sem Meu Carro’, fechando o centro da cidade para os automóveis e oferecendo atividades culturais para a população.

O evento tinha em sua programação passeios ciclísticos saindo de vários bairros da cidade e através da nossa participação nas reuniões de organização do evento, conseguimos incluir o passeio ciclístico do Projeto ‘Bicicleta na Escola’ na programação do evento da prefeitura. A inclusão do nosso passeio nas atividades promovidas pela prefeitura facilitou a divulgação do passeio ciclístico para toda a comunidade e também contamos com o apoio e a organização da Polícia Militar Rodoviária no nosso passeio.

O passeio ciclístico foi uma atividade importante porque se caracterizou como um evento promovido pela escola para a comunidade e possibilitou aos participantes o envolvimento com um movimento mundial, que problematiza a organização das cidades, a mobilidade urbana, os problemas decorrentes da “cultura do automóvel” e suas implicações ambientais.

Ainda na fase exploratória da pesquisa buscamos em *sites* da internet conhecer outros programas que desenvolveram atividades relacionadas à bicicleta no contexto escolar ou em outros espaços educativos. Infelizmente tivemos conhecimento de pouquíssimas iniciativas nacionais nesse sentido. A maioria das propostas de educação relacionadas com a bicicleta, que tivemos conhecimento, estavam relacionadas a programas de educação para o trânsito e tivemos acesso a uma única experiência que surgiu a partir da disciplina de educação física de uma escola em Itajubá, no estado de Minas Gerais.

Nessa experiência a professora de Educação Física, Sibelly da Costa Paiva iniciou em 2003 o projeto “Bom de Pedal”. Em Itajubá a bicicleta é o principal meio de transporte e cerca de dois mil alunos seguem diariamente pedalando para a aula. O que despertou a professora a desenvolver esse trabalho foi o alto índice de acidentes envolvendo os alunos da escola. Nessa proposta a professora trabalhou durante um semestre inteiro, também com alunos da 5ª e 6ª séries, tendo o ciclismo como atividade física, modalidade esportiva, meio de transporte e lazer. O projeto foi desenvolvido de forma conjunta com os alunos que, divididos em grupos, pesquisaram temas como: a história da bicicleta; a conduta adequada no trânsito; a manutenção das bicicletas; os diferentes modelos entre outros. Depois disso o material dessa pesquisa coletiva foi organizado e apresentado para o resto da escola. O projeto também teve um passeio ciclístico organizado pelos próprios alunos e uma exposição sobre a evolução das bicicletas com 30 modelos. O envolvimento dos alunos com o projeto foi tanto que eles resolveram realizar ações reivindicando melhores condições para o ciclismo, enviando para a Câmara de Vereadores do município um pedido para a construção de uma ciclovia.

Essa experiência demonstra a dimensão que um projeto como o que propomos pode tomar. A partir de um problema concreto (acidentes de trânsito envolvendo alunos da escola) a professora construiu, em conjunto com os alunos, um programa de educação que envolveu a construção de uma série de conhecimentos, que foram compartilhados com a comunidade escolar e levados para a esfera do poder público, com a tentativa de solucionar o problema. Além de servir como exemplo de um programa envolvendo a bicicleta e a escola, pode-se perceber os elementos da pesquisa-ação como opção metodológica para a construção do projeto.

A UDESC, a partir de um grupo de pesquisa do CEFID chamado CicloBrasil⁹ vem desenvolvendo pesquisas relacionadas à utilização da bicicleta na cidade e seus benefícios para a saúde. O grupo, segundo Xavier et

⁹ www.cefid.udesc.br/ciclo

alii (2004), realizou uma pesquisa intitulada “Rotas Seguras Para a Escola” na qual foi feita uma investigação das maneiras e condições em que as crianças de escolas públicas de Florianópolis encontravam para ir à escola, a pé ou de bicicleta e propondo ações de solução para os problemas encontrados. A pesquisa envolveu alunos de 5^a a 8^a séries, de seis escolas públicas municipais instaladas às margens de rodovias estaduais. Esse trabalho de extrema relevância para as comunidades envolvidas não se preocupa diretamente com a aproximação da educação física com a bicicleta mas no desenvolvimento de políticas públicas e ações educativas para o trânsito que contribuam para a acessibilidade dos escolares. Essa pesquisa segue uma tendência européia que visa além da melhoria da acessibilidade das crianças à escola, incentivar a utilização da bicicleta ou da caminhada para viagens diárias de curta distância. A pesquisa destaca que o modo de deslocamento mais comumente empregado pelos escolares pesquisados no seu trajeto diário casa/escola/casa é a pé (64 %) e de bicicleta (14%).

Outra pesquisa que atentou sobre a utilização da bicicleta como modal de transporte para a escola em Florianópolis foi o trabalho de conclusão de curso de Raquel (2006). Em seu trabalho intitulado “*Mobilidade Ciclística: Um modal de inclusão sócio-espacial*”, a autora ressalta a bicicleta como meio de transporte que promove a inclusão sócio-espacial. A pesquisa foi realizada no trecho que compreende o Terminal de Integração da Lagoa da Conceição e o Terminal de Integração do Rio Tavares. Nesse trabalho buscou-se identificar as condições cicloviárias da área de estudo observando a necessidade de implantação/melhoria da infraestrutura, e verificar as Políticas Públicas existentes em Florianópolis voltadas à mobilidade ciclística. A autora fez uma pesquisa com alunos de 5^a a 8^a séries de duas escolas públicas que estão à margem da principal via da região para conhecer como as crianças se deslocavam para a escola, colocando uma atenção especial naqueles que utilizam a bicicleta.

A pesquisa nos apresenta alguns dados relevantes: mais de 70% das crianças caminham ou pedalam para ir à escola. 3/4 das crianças possuem bicicleta e apenas 25% destas crianças utilizam a bicicleta para ir à escola.

Quase metade das crianças das escolas utilizam a bicicleta mais de 3 vezes por semana para diversos fins. Raquel conclui esse capítulo do seu trabalho da seguinte forma:

Podemos inferir que há uma demanda reprimida do uso da bicicleta entre os escolares, sobretudo porque nada menos do que 93,97% deles afirmaram gostar de pedalar; possuindo limitações maiores que os adultos, só podemos creditar essa repressão à falta de condições mínimas para o uso da bicicleta. Notória pela sua ludicidade, flexibilidade e auxiliadora das funções de saúde, a bicicleta deixa de ser usada em associação com sua atividade educativa por descuido das políticas públicas (p.59).

Encontramos em outros países uma enorme variedade de programas escolares que tematizavam a bicicleta. Todos os programas estavam relacionados a propostas de educação para o trânsito e utilização segura da bicicleta, ou ainda, para promover a utilização da bicicleta como meio de transporte.

A publicação "*Good Practices Guide for Bicycle Safety Education*" é um documento elaborado pela *Federal Highway Administration* (2007) dos Estados Unidos, para servir como referência para educadores e outros profissionais interessados em desenvolver programas de educação de segurança ciclística. O guia examina 16 programas nos Estados Unidos e no Canadá. Desses programas 9 são orientados para jovens em idade escolar (6 a 18 anos). Esse material está dividido em duas partes: Na primeira (Estudos de Casos) os programas selecionados são ajeitados primeiramente em uma tabela resumida e depois analisados individualmente com seus dados gerais, um resumo do projeto de cada programa, a forma de financiamento, de divulgação e avaliação assim como os pontos positivos e desafios de cada programa. Na segunda parte (Planejando seu Programa), são discutidas algumas estratégias e questões pertinentes para os interessados em desenvolverem programas de educação para a segurança em bicicletas.

Tabela 2 – Alguns exemplos de Programas de Bicicleta para escolares (EUA)¹⁰

Nome do Programa	Descrição resumida
Biked Hawaii	Uma semana (5 aulas de 45 minutos) utilizando a bicicleta com crianças da 4ª série.
Programa de Segurança para Bicicleta	Apresentação em sala de aula com duração de uma hora para crianças de 3ª a 5ª séries.
BIPED	Apresentação de 45 minutos para crianças do pré a 5ª séries.
Programa de Consciência para um Pedalar Seguro	Programa com duração de 7 a 10 horas para crianças de 4ª a 7ª séries.
Crianças de Bici	Programa para crianças de até 7 anos com duração de 2 horas em sala e com bicicletas
Clube da Bike	Oito aulas com bicicletas de 90 minutos para ensino fundamental no contra-turno das aulas.
Aulas de Bike e Treinamento para Segurança (BLAST)	Programa de 2 horas (sala/bicicleta) para escolares de todas as idades.
Clube do Pedal – Ganhe uma bike	18 horas trabalhando em uma oficina de bicicleta, 6 horas arrumando a própria bicicleta (que ficará com o aluno) e 20 horas de treinamento para a segurança (10 semanas, 2h/semana) para jovens de 14 a 18 anos.
SPROCKIDS	Programa de 10 semanas (2 seções de uma hora por semana) para escolares.

Fonte: *Federal Highway Administration* (2007).

Na Europa, dois programas apontaram para a valorização da experiência em contextos reais para a aprendizagem, criticando programas de educação para o trânsito com ênfase em aspectos teóricos e conteúdo prático realizado fora do contexto real, no qual as crianças utilizam as bicicletas. Esses programas apontam a ineficiência dessa metodologia pelo fato da

¹⁰ Tradução e organização da tabela pelo autor.

transferência do que é aprendido em circuitos ilustrativos não ser transferido para situações reais nas quais as crianças utilizam a bicicleta.

Na cidade de Graz, na Áustria, foi implementado um programa de educação para o trânsito chamado *Bicycle Training for Children in Real Traffic Conditions* (URANITSCH, 1995) em que as aulas acontecem no trânsito. As primeiras aulas acontecem dentro do espaço escolar e depois as crianças são levadas para as ruas próximas à escola para continuar com o processo educativo. Eles são gradativamente estimulados a desenvolver a autoconfiança e a se tornar ciclistas conscientes. A teoria é apresentada através da experiência. Desde sua implantação em 1995, esse programa já atendeu mais de 5.000 crianças. O relatório que tivemos acesso chama a atenção para alguns aspectos importantes para a realização de um programa desse tipo: cooperação com as autoridades educacionais do município e com a polícia assim como uma clareza em relação a aspectos legais e de seguro para acidente envolvendo as crianças. No início as autoridades responsáveis não imaginavam que a realização de um programa desse tipo fosse possível, mas depois de algum tempo o programa se estabeleceu como um moderno componente de educação para a mobilidade urbana.

Em Flanders, na Bélgica, outro programa segue a mesma linha. *Master on Bike* (2004) busca trazer para o programa de Educação para o trânsito não apenas o conhecimento das normas e sinais de trânsito, mas também a vivência prática de situações reais que serão encontradas pelas crianças quando elas estiverem pedalando nas ruas. O programa começa com um circuito com implementos para desafiar as crianças e depois passa para situações que as crianças enfrentariam no seu dia-a-dia. Esse programa teve início em 2005 e nos dois primeiros anos de sua implantação já atingiu 553 escolas. Sua organização é realizada entre duas instituições, Stichting Vlaamse Schoosport que trás o conhecimento relacionado com a Educação Física e a Belgisch Instituut voor de Verkeersveiligheid que contribui com o conhecimento técnico referente ao trânsito.

A Europa vem, nas últimas décadas, investindo em diversos setores para ampliar a cultura da bicicleta. Além da infra-estrutura e organização urbana favorável à utilização da bicicleta, os países têm investido em ações educativas. O exemplo mais expressivo que tivemos acesso se trata do projeto inglês “BikeIT”¹¹ que tem o objetivo de incentivar a utilização da bicicleta como meio de transporte para a escola. O programa, com amplitude nacional, tem conseguido resultados incríveis. Em escolas que apresentavam média de 1% das crianças utilizando a bicicleta para ir à escola o número aumentou para 45% das crianças em alguns dias.

3.4. Os encontros¹²

Depois de pesquisar esses outros programas que envolviam de alguma forma a bicicleta, passamos a pensar nossa proposta para os encontros.

Em primeiro lugar, tínhamos como objetivo utilizar a bicicleta como instrumento para oferecer às crianças situações nas quais elas pudessem se experimentar e a partir dessas experiências, ampliar seu mundo de movimentos. Partindo desse objetivo, seria importante valorizar suas experiências anteriores com a bicicleta. Para isso, nossas propostas de intervenção não poderiam ser fechadas, e seria fundamental criar espaço para que os participantes trouxessem para os encontros suas brincadeiras e suas intenções. Além disso, queríamos experimentar uma educação para o trânsito alinhada com uma concepção de ensino aberto e crítico-emancipatório, na qual a problematização, o diálogo e o mundo vivido das crianças fossem os pressupostos que iriam delinear nossa intervenção. A partir dessas idéias pensamos quatro temas que serviriam de referência para o programa dos encontros.

¹¹ www.bikeit.co.uk

¹² Durante o projeto optamos pela termo “encontro” para diferenciar de “aula” que geralmente tem uma estrutura fechada, característica de concepções tradicionais de ensino.

Tabela 3 – Cronograma dos encontros

Encontros	Tipo de Intervenção
1º Formação do Grupo	Jogos e brincadeiras
2º Manutenção da bicicleta	Manuseio de ferramentas e regulagem básica da bicicleta
3º Educação no trânsito	Orientação espacial e o cuidado de si no pedalar
4º Passeio ciclístico	Participação nas atividades do “Dia Mundial sem Carro” – Evento mundial

O primeiro encontro foi planejado com o objetivo de formação do grupo. Teríamos uma conversa inicial sobre a proposta do projeto e sobre a responsabilidade de todos para a com a segurança. Depois resgataríamos brincadeiras e jogos com a bicicleta que cada um conhecesse e se possível daríamos uma pedalada pela UFSC. No segundo encontro escolhemos como tema gerador a manutenção das bicicletas. Nesse dia seriam abordadas questões básicas relacionadas à manutenção da bicicleta como regulagem de freios, reparo nos pneus, regulagem do banco, lubrificação da corrente, relacionando esses temas com outras questões como a própria segurança e a possibilidade de encarar a manutenção da bicicleta como uma brincadeira. A educação para o trânsito seria abordada no terceiro encontro onde as crianças teriam a oportunidade de refletir sobre as atitudes necessárias para pedalar com segurança e responsabilidade e realizar algumas atividades nas ruas do bairro Parque Anchieta, situado nas proximidades do Colégio. Por último teríamos o passeio ciclístico que seria realizado no dia 22 de setembro que teria como destino o centro da cidade onde a prefeitura estaria realizando atividades relacionadas ao “Dia Mundial Sem Carro”.

Apesar do planejamento dos temas dos encontros, nossa prática acabou acontecendo de forma completamente diferente. Os temas propostos para

cada encontro acabaram surgindo em diferentes momentos do projeto. Isso não minimiza a importância do planejamento ou demonstra desorganização. O que acontece é que quando temos uma noção global do tema central a ser trabalhado (no caso a bicicleta), estamos cientes de que não podemos separar os conteúdos de forma estanque. Foi graças ao planejamento dos temas geradores que estávamos preparados para trabalhar com eles em qualquer momento, mesmo que surgissem de forma imprevista.

Depois de planejado os temas geradores, passamos a pensar qual seria a metodologia dos encontros e que tipo de estrutura seria necessária, como por exemplo, apoio de outros monitores, formas de registro dos encontros, apoio da polícia militar, entre outras coisas. Com base no estudo de outros programas de educação envolvendo a bicicleta, delimitamos o número de no máximo 5 crianças para cada monitor¹³. Foram convidados para participar das atividades como monitores, 4 acadêmicos de Educação Física da UFSC, que utilizam a bicicleta no seu cotidiano e passaram a fazer parte da rede de interações tecida por esse trabalho. Para registro das oficinas, convidamos outros dois acadêmicos, um para realizar filmagem dos encontros e outro que ficaria encarregada do registro fotográfico. O apoio da Polícia Militar foi arranjado durante a realização das reuniões de organização do Dia Sem Meu Carro, na sede do IPUF/Prefeitura de Florianópolis, onde tivemos a oportunidade de conhecer o Comandante responsável por atividades desse tipo. Fizemos também uma pedalada de reconhecimento por todo o Campus da UFSC, observando locais que oferecessem condições adequadas para a realização de atividades.

Na semana que antecedeu os encontros, passamos nas salas de aula para recolher as autorizações distribuídas anteriormente e reforçar a divulgação. Isso foi importante porque nos deu uma idéia do número de crianças que iriam participar das oficinas. Na sexta-feira que antecedia o início das atividades, tínhamos em mãos 15 autorizações, demonstrando que teríamos um número de participantes adequado à proposta do projeto.

¹³ Tomamos como referência os programas apresentados no *Good Practices Guide for Bicycle Safety Education*.

3.4.1. Primeiro encontro – Formação do grupo

O primeiro encontro aconteceu dia 17 de setembro, segunda-feira, e o local foi o bicicletário do Colégio. Infelizmente o dia se apresentava bastante nublado com possibilidade de chuva a qualquer momento. Meia hora antes do início das atividades começou a chover forte e acabei ligando para os acadêmicos que me ajudariam como monitores e fariam o registro das atividades, cancelando nosso compromisso. No meu caminho para o Colégio já estava pensando em suspender as atividades, mas refleti sobre o assunto:

Deveríamos ter divulgado que as atividades aconteceriam mesmo com chuva e poderíamos ter planejado outro tipo de atividade caso chovesse, como uma sessão de filme, por exemplo, ou mesmo antecipado a atividade de manutenção das bicicletas para esse dia.

Chegando ao Colégio um aluno já aguardava com sua bicicleta. Esse aluno foi um dos que durante o período de divulgação do projeto demonstrou bastante interesse. Enquanto conversávamos chegaram outros dois alunos e uma quarta aluna apareceu alguns minutos antes do horário marcado sem sua bicicleta.

Ela não estava planejando participar do projeto naquele dia porque tinha uma atividade de recuperação que acabou sendo cancelada. Perguntou se poderia participar e a única alternativa foi emprestar minha bicicleta.

Com 4 alunos tínhamos quorum suficiente para dar início às atividades do projeto e fui orientado pelo professor de Educação Física do Colégio a realizar nosso primeiro encontro em uma área coberta do C.A.

Dirigimo-nos para um espaço do colégio denominado de “Galpão” com uma ampla área coberta. Nesse meio tempo liguei para um amigo e pedi que trouxesse outra bicicleta até o colégio. Depois de me apresentar perguntei se lembravam como aprenderam a andar de bicicleta e se consideravam esse dia importante. Conversamos sobre a utilização do “aprender a andar de bicicleta”

como um exemplo de coisas que aprendemos a fazer e nunca mais esquecemos. A idéia era (re)lembrar como algumas coisas, devido ao significado que atribuímos, ficam marcadas de tal forma que nunca mais esquecemos, enquanto que outras, pelo fato de não terem significado mais profundo, são rapidamente esquecidas.

Depois dessa conversa perguntei como estavam suas bicicletas. Algumas precisavam calibrar os pneus e outras de regulagem nos freios. Decidimos fazer algumas brincadeiras e depois parar para arrumar as bicicletas e se a chuva parasse, sairíamos para pedalar pela UFSC.

Perguntei do que eles costumavam brincar com suas bicicletas e a primeira resposta foi de que eles não brincavam de nada, apenas pedalavam, ou seja, a grande brincadeira com a bicicleta era simplesmente pedalar. Conversamos então sobre a possibilidade de criarmos jogos e brincadeiras com a bicicleta. Um dos alunos disse que às vezes brincava de pega-pega com a bicicleta ou de 'polícia e ladrão'. Outra brincadeira relatada por eles foi 'siga o mestre', brincadeira que um ciclista lidera uma fila de ciclistas pedalando por lugares difíceis.

Propus que começássemos com uma brincadeira bastante simples e depois poderíamos experimentar outras. Começamos então com uma corrida para ver 'quem chegava por último sem colocar os pés no chão'.

Fizemos uma primeira tentativa e percebi que foi um pouco estranho para eles apostar uma corrida que para ganhar teríamos que fazer o maior tempo possível. Essa atividade permitiu que o foco do desafio fosse transferido para eles mesmo, devido a exigência de concentração e equilíbrio da atividade.

Realizamos algumas corridas e passamos para outra atividade. Perguntei como poderíamos explorar o desafio do equilíbrio na bicicleta. A idéia era fazer com que eles pensassem sobre a possibilidade de criar jogos e brincadeiras.

Devido provavelmente ao fato de nas aulas de educação física não terem a oportunidade de participar na construção das aulas os alunos demonstravam, naquele momento, desinteressados em participar do processo criativo das atividades e estavam mais interessados nas

brincadeiras que poderiam ser propostas por mim.

Aliado a isso, a tendência do professor em assumir uma postura diretiva nas aulas, acabou fazendo com que eu propusesse a maioria das atividades. De qualquer maneira, existia sempre um esforço em estabelecer uma relação dialógica com as crianças, uma relação de respeito a suas intenções, e a abertura, nesse caso, passa a ser, talvez, uma maior flexibilidade para aceitar como a atividade proposta seria recebida pelas crianças e como elas contribuiriam no processo.

Outra brincadeira que realizamos foi a “fechadinha”. Essa brincadeira consiste em um jogo no qual o objetivo é desequilibrar o outro ciclista de forma que ele tenha que botar o pé no chão. Quando criança, esse brincadeira era uma das mais populares da minha rua e uma das regras implícitas era que o desequilíbrio tinha que ser conseguido não pela força e sim pela habilidade em colocar o colega em desequilíbrio, sem que as bicicletas se encostassem. No entanto, essa regra não foi colocada e algumas crianças optaram por desequilibrar os colegas utilizando a força (chocando as bicicletas).

Depois de observar por alguns minutos essa situação, intervi problematizando a agressividade com que eles estavam brincando e propus que eles brincassem utilizando mais ‘inteligência’ e menos força e violência.

Depois de algum tempo paramos de brincar e fomos regular o freio das bicicletas. Essa transição aconteceu porque um dos participantes estava com sua bicicleta com os freios totalmente desregulados. Dois alunos vieram participar dessa atividade enquanto outros dois continuaram pedalando livremente pelo pátio. Analisamos as bicicletas para verificar porque estavam sem freios ou desregulados. As ferramentas foram disponibilizadas e juntamente com os participantes, tentamos regularizar as bicicletas. Enquanto trabalhávamos, aproveitei para conversar com eles sobre a possibilidade de encarar a manutenção da bicicleta como uma brincadeira e a importância de conhecer como os sistemas funcionam.

Aos outros participantes propomos dar uma volta de bicicleta pelo colégio para criar um trajeto que faríamos depois que as bicicletas estivessem

prontas.

Eles saíram e depois de algum tempo voltaram informando que a trilha que existia ao redor do colégio estava muito molhada por causa da chuva. Decidimos então deixar esse “circuito” para nosso próximo encontro e optamos por sair todos juntos e pedalar pela UFSC, fazendo um “reconhecimento” dos locais onde poderíamos realizar atividades nos próximos encontros.

Conversamos sobre a importância de todos assumirem responsabilidade pelo grupo e estabelecemos algumas regras de segurança para quando estivéssemos pedalando na rua. Saímos do Colégio de Aplicação em direção ao Bosque do CFH, local bastante arborizado, com grama e um relevo interessante para pedalar. Seguimos para o Centro de Desporto e de lá para a praça central da UFSC. Passamos pela Biblioteca Central e cruzamos para o outro lado da universidade, pedalando em direção ao pequeno lago atrás do Grêmio do Hospital Universitário. Na beira do lago, fizemos um breve círculo para avaliar o encontro. Conversamos sobre o que havíamos feito, se eles haviam gostado de pedalar em grupo e o que eles esperavam para a próxima aula. Por último regressamos para o Colégio, guardamos as bicicletas na sala que nos foi reservada e nos despedimos.

3.4.2 Segundo encontro - Criando caminhos para experimentação

Nosso segundo encontro aconteceu na manhã do dia 19 de setembro de 2007. Nessa quarta-feira o dia se apresentava mais bonito, com uma manhã ensolarada e fresca. Cheguei ao Colégio e algumas crianças já se encontravam ao lado do bicicletário, conversando entre elas enquanto me aguardavam. Estavam bastante empolgadas, falando sobre suas bicicletas e assim que cheguei vieram logo perguntando ‘o que iríamos fazer’.

Disse que fossem pensando em atividades que poderíamos fazer juntos enquanto eu organizava os últimos detalhes para dar início às nossas atividades. Mesmo tendo um planejamento feito anteriormente queria incentivá-las a pensar no que elas gostariam de fazer, quais as brincadeiras que conheciam, ou seja, que participassem da criação daquilo que seria compartilhado por nós.

Nesse meio tempo os acadêmicos que foram convidados a participar do

projeto chegaram e brevemente conversamos sobre o planejamento da atividade.

O grupo foi formado por dez crianças, seis meninos e quatro meninas. Oito alunos estavam na sexta série e apenas 2 alunos eram da quinta. Além das crianças, tínhamos mais dois monitores que iriam participar efetivamente das atividades e outros dois acadêmicos de Educação Física encarregados de fazer o registro vídeo-fotográfico do encontro.

Dirigimo-nos para uma quadra do colégio, onde encontramos um grupo de crianças jogando futebol. Enquanto esperávamos que eles terminassem sua atividade, fizemos um círculo para conversar. A primeira coisa que fizemos foi nos apresentar e logo em seguida conversamos sobre quais eram nossas intenções para aquele dia.

Depois pedi para que as crianças que vieram ao primeiro encontro relatassem o que havíamos feito. Nesse momento lembramos que o circuito feito no encontro anterior havia sido deixado para ser explorado nesse encontro. Decidimos percorrê-lo depois que fizéssemos algumas brincadeiras juntos. Conversei também sobre a necessidade de lembrarmos, sempre, que éramos um grupo e que todos deviam fazer o melhor para que nada acontecesse a nenhum de nós, muita atenção e cuidado sempre.

Conversamos sobre a bicicleta como brinquedo e como meio de transporte e a forma como deveríamos nos comportar quando estivéssemos pedalando num lugar com muitos pedestres. Combinamos que não poderíamos pedalar no pátio principal do colégio e que sempre que tivéssemos em um lugar com muitos pedestres, deveríamos descer da bicicleta e empurrá-la porque um ciclista empurrando a bicicleta tem os mesmos direitos que um pedestre.

Pedi que pensassem sobre o motivo que eles gostavam de andar de bicicleta, qual o significado que a bicicleta tinha para eles, para depois conversarmos sobre isso. Por último, perguntei se alguém precisava de algum ajuste na bicicleta e deixei aqueles que estavam com suas bicicletas em ordem à vontade para pedalar enquanto enchíamos alguns pneus e regulávamos os

selins de algumas bicicletas.

Imediatamente as crianças começaram a pedalar pela área gramada com morros íngremes com bastante liberdade (dificuldade de relatar a exploração, a alegria, o pedalar na escada...).

Quando todas as bicicletas estavam prontas nos reunimos na quadra para fazermos algumas brincadeiras. Aproveitei a oportunidade para falar que deveríamos ter o cuidado duplicado porque nenhum deles estava usando o capacete¹⁴. Precisávamos todos, estar muito conscientes e atentos de nossos movimentos porque uma queda com a bicicleta poderia causar um grave acidente.

Nossa primeira brincadeira foi “Estátua na Bicicleta”. Todos pedalando e quando eu falava “estátua” teriam que parar a bicicleta, equilibrando-se sem colocar os pés no chão até que outro sinal fosse dado e eles poderiam continuar pedalando. Fizemos algumas vezes para experimentar e depois quem colocasse o pé no chão, saía da brincadeira.

Percebi que o fato de sair da brincadeira não incomodava as crianças porque elas tinham a oportunidade de observar as outras se equilibrando e ajudavam a observar quem colocava o pé no chão.

Conforme os alunos iam saindo eu ia aumentando o tempo de permanência, contanto até 4, depois até 5 e quando sobraram somente 3 ciclistas disse que quem colocasse o pé por último ganharia a brincadeira. Antes de seguirmos para a próxima atividade conversamos brevemente sobre a importância do equilíbrio não só para quando estamos andando de bicicleta, mas para tudo o que fazemos na vida.

¹⁴ Um dos principais problemas que enfrentamos nesse trabalho foi a impossibilidade de disponibilizar capacetes a todos participantes, inclusive aos monitores. Não temos dúvida da importância e da necessidade absoluta da utilização desse equipamento de segurança. No entanto a utilização de capacete ao andar de bicicleta é um tema que envolve uma série de questões culturais e econômicas que não vamos discutir nesse trabalho, mas com certeza merecem maior discussão, justamente para tornar o uso do capacete mais popular. Somente queremos deixar claro que reconhecemos esse problema e que um programa desse tipo deve não só oferecer capacetes para serem utilizados durante as atividades, mas disponibilizá-los às crianças para que elas possam utilizá-los sempre que andem de bicicleta.

A próxima brincadeira se tratava da formação de pequenos grupos de ciclistas que à minha voz se juntavam sem colocar os pés no chão. Depois que os grupos eram formados outro comando era dado para que eles pedalassem soltos. Assim a brincadeira ia acontecendo e o número de componentes nos grupos ia mudando a cada toque.

Essa brincadeira foi uma ótima forma de observar a habilidade deles sobre as bicicletas¹⁵. A brincadeira foi acontecendo, mas percebemos que era difícil parar um grupo de, por exemplo, 4 ciclistas e não colocar o pé no chão (mas possível se tivéssemos mais tempo ou outra oportunidade para tentar). Então propusemos que os grupos fossem se formando em movimento, o que causou alguns desequilíbrios, mas representou outro desafio. Um dos monitores propôs que fizéssemos um grande grupo e começássemos a pedalar, todos se tocando de alguma forma e aos poucos fomos tentando formar um aglomerado de ciclistas. Tentamos algumas vezes e não conseguimos de fato formar um único grupo, mas nos divertimos muito enquanto tentávamos. Reunimo-nos novamente e perguntei se haviam se divertido e chamei a atenção para a possibilidade de criarmos outras brincadeiras a partir de uma que já conhecemos.

Passamos então para a trilha que alguns deles haviam preparado no encontro passado. A responsabilidade de guiar o grupo foi passada para uma das crianças que foi na frente enquanto o resto do grupo o seguia. O trajeto era dentro do próprio Colégio e envolvia uma subida por um terreno gramado, entrávamos em uma trilha, passávamos uma pequena ponte de madeira e pelo meio das árvores descemos até a parte mais baixa, próxima à quadra. O caminho foi feito duas ou três vezes e voltamos a nos encontrar na quadra.

Essa atividade aparentemente simples tem para as crianças um grande significado. Elas mesmas haviam sugerido o trajeto e além do prazer e da diferença de pedalar em grupo, explorar a própria escola, fazendo uma trilha de bicicleta é algo motivante para uns e desafiador para outros.

¹⁵ No início do encontro já podíamos observar que todos tinham uma boa habilidade com suas bicicletas.

De volta à quadra começamos a nos preparar para sair do Colégio e pedalar pela UFSC. Conversamos novamente sobre os cuidados necessários para pedalar no trânsito porque iríamos passar por alguns trechos onde o tráfego de veículos motorizados era normal. A primeira regra que colocamos foi que ninguém poderia ultrapassar o guia. Outra foi que teríamos dois tipos de formação: Em fila e em duas filas paralelas. Conversamos sobre essas formações e “ensaiamos” na quadra. As crianças foram beber água e no retorno saímos.

Pedalamos em fila até a praça central da UFSC. Se pedalar em grupo dentro do colégio já fazia transparecer nas crianças certa empolgação, alegria, diversão, pedalar juntos para além das cercas do colégio com certeza foi um momento marcante. A sensação de grupo, de pedalar junto com outros ciclistas é muito boa. Chegamos à praça central da UFSC e nos reunimos para conversar sobre a próxima atividade.

Iríamos nos dividir em 3 grupos que seguiriam com monitores para áreas diferentes com o objetivo de criar um circuito/trajeto para os outros grupos pedalar.

Os grupos se separaram e marcamos de nos reencontrar ali mesmo em 15 minutos.

As equipes se reencontraram no local e hora que combinamos. O fato de estar juntos, se separar, ter um objetivo a ser cumprido e voltar para compartilhar com o resto do grupo aquilo que você criou é algo muito interessante. Sem muitas delongas saímos em direção ao primeiro circuito que foi realizado no gramado próximo à piscina do CDS. Ali as crianças experimentaram pedalar em um espaço bastante amplo, gramado, e com um relevo bastante acidentado. Logo no início o grupo enfrentou uma subida que para alguns representou um desafio. Chegamos à parte mais alta do terreno. O circuito que esse grupo fez consistia basicamente em subir por um lado do gramado aonde existia uma rampa curta, mas bastante íngreme, e descer por uma parte desse terreno que tinha um morro mais longo e bem ondulado.

A descida de bicicleta é uma das situações que mais atrai as crianças (e adultos também) pela sensação de 'alívio' (como relatada por um dos meninos na conversa final), de vôo, de liberdade, de entrega à força de gravidade. Poderíamos ficar ali por horas simplesmente descendo e subindo por aqueles morros, mas seguimos para os outros circuitos porque tínhamos pouco tempo e ainda nos restava dois trajetos.

O outro grupo seguiu em direção ao planetário para explorar outra descida e assim como no circuito anterior, tivemos que subir antes de descer. Depois de se jogar 'morro abaixo' paramos embaixo de outra árvore para conversar (era muito gostoso reunir o grupo à sombra das árvores para conversar) e aproveitei para compartilhar com eles um pouco da viagem que fiz de bicicleta. Conversamos justamente sobre nossa relação com as subidas e descidas que tivemos que enfrentar durante a viagem.

Falei que durante os dois meses pedalando tivemos que subir muito e descer também. Que isso era um grande desafio e sempre depois de uma descida prazerosa vem uma subida desafiante e assim era na vida também, cheia de altos e baixos e que pedalando, poderíamos nos preparar melhor para encarar as subidas e descidas da vida.

Seguimos então para o último circuito no bosque e como descemos, tivemos que subir novamente. Chegamos lá em cima e uma das alunas explicou qual era a idéia. Eu reforcei que aquela atividade seria uma boa forma de nos preparar para os obstáculos que podemos encontrar quando estamos pedalando como, por exemplo, uma porta de carro que se abre repentinamente ou um buraco que surge à nossa frente, uma pedra e outros... Eles então saíram pedalando por entre as árvores e ficaram livres por alguns minutos no bosque.

Reunimo-nos sobre outra sombra para conversar sobre o que fizemos naquele dia e decidir quando iríamos realizar o próximo encontro. Nessa conversa aproveitei para retomar o assunto que eu lhes havia pedido para refletirem no início. Qual eram as emoções que eles sentiam pedalando, e porque eles gostavam de pedalar.

Em linhas gerais o que foi respondido é que eles gostam da aventura, é divertido, é um meio de transporte alternativo, é bom para aliviar os estresses das aulas (inclusive das de Educação Física).

Eles demonstraram não considerar aquela atividade uma aula de Educação Física e perguntamos por quê. Um dos alunos disse que a Educação Física trabalha com esporte e ali estávamos fazendo algo diferente.

Perguntei se eles gostaram das atividades e se estava faltando alguma coisa. Um deles me lembrou que não brincamos de ‘fechadinha’ e eu disse que poderíamos fazer isso no próximo encontro. Aproveitei para pedir que eles pensassem em atividades e brincadeiras para fazermos no nosso próximo encontro que foi transferido para a próxima quarta-feira por causa de uma excursão a ser realizada na sexta-feira pela própria escola.

Uma das alunas fez uma sugestão muito boa: que no próximo encontro trouxéssemos alimentos para compartilhar, fazer um lanche. Eu propus que trouxéssemos algumas frutas, sanduíches e suco para compartilharmos antes de começar as atividades.

Por último lembrei que a principal coisa para termos segurança quando estamos pedalando é manter a *atenção* no que eles estavam fazendo para não perder o *equilíbrio*.

Sobre os monitores

Gostaria de ressaltar a importância da equipe de monitores (Vitor, Rodrigo, Arthur, Ana e Thiago). Todos são ciclistas experientes que utilizam a bicicleta no seu dia-a-dia. Além disso, todos são estudantes de Educação Física. A equipe compartilha uma série de princípios e valores que permitem o desenvolvimento de uma intervenção pedagógico-crítica e humana, e por isso transformadora. Isso se deve ao fato de já termos participado de uma série de discussões a cerca das diferentes concepções de Educação Física e de nos identificarmos com as propostas críticas que buscam valorizar a experiência (ex-peri-mentar = ex é pra fora; pera é limite; mentar é meditar), o diálogo e a participação responsável das crianças nos processos de elaboração das atividades.

Além disso, os membros da equipe de monitores já se conheciam e interagiam em outros espaços o que permitiu um entrosamento mais fluído

durante a realização das atividades, refletindo numa maior segurança e prazer ao desenvolver o trabalho.

Sobre o tempo

Infelizmente o tempo cronológico reservado à realização das atividades é bastante limitado. Conversando com os monitores após a realização do segundo encontro, percebemos que a bicicleta poderia facilmente oferecer conteúdos para serem trabalhados durante todo um semestre. Sendo assim, em apenas três ou quatro encontros parece nos faltar tempo para explorar melhor tudo o que a bicicleta oferece.

Podemos observar, a partir dessa sensação de falta de tempo, a necessidade de estarmos atento a exercitar a atenção no presente, no que se está realizando naquele momento para que a ansiedade não se torne um empecilho e ao mesmo tempo cuidar para aproveitar da melhor maneira a cronologia que temos disponível.

Sobre a experimentação

A maneira que as atividades foram conduzidas permitiu aos participantes se experimentarem e se relacionarem com o meio de uma forma bastante especial. Foi possibilitado a eles 'se movimentar' de uma forma mais livre, fazendo com que eles buscassem se superar, provar, experimentar, e criar situações. Isso, a nosso ver, é um sucesso porque conseguimos superar a tendência presente em nossa área, de oferecer situações completamente fechadas às experiências dos alunos.

Durante as atividades, os alunos tiveram a oportunidade de propor situações, de utilizar o mundo como um laboratório de experimentação, de se

comunicar, de refletir sobre o que estavam fazendo e sobretudo, sentir prazer e experimentar a sensação de 'conseguir fazer'.

Sobre as relações

Outra coisa interessante é a maneira que os monitores se relacionam com os participantes. Buscamos o tempo todo dialogar com eles e fazer com que todos nós desenvolvêssemos a consciência de fazer parte do mesmo grupo e que somos responsáveis por nossas ações.

As escolhas que cada um fez, repercutiu em todo o grupo. Se por exemplo, os monitores têm dificuldade de se comunicar com o resto do grupo devido a conversas paralelas, todo o grupo é prejudicado porque demoramos mais para conversar e não aproveitamos o tempo que temos para pedalar. Se alguém pedala de maneira irresponsável pode causar um acidente e prejudicar todo o grupo porque isso iria acarretar em uma série de problemas que poderiam fazer com que o programa terminasse ou que outras edições não viessem a acontecer. Sempre foi colocado para os alunos que somos todos responsáveis por nossas escolhas, pelas coisas que acontecem conosco e com o grupo.

Além disso, a proposta de ser um programa oferecido àqueles que querem participar espontaneamente, faz com que as relações estabelecidas sejam outras. Ninguém ganha ou perde nada por participar. Eles participam porque querem e não porque são obrigados. Isso tem uma grande influência nas relações estabelecidas entre todos os participantes.

Esse programa busca valorizar a participação das crianças nos processos de tomada de decisões, na criação e elaboração das atividades e na avaliação. Para isso é preciso que os monitores tenham uma relação horizontal com as crianças e que permite as crianças se expressarem, proporem e refletirem sobre o que elas estão propondo. Isso não tira dos monitores a autoridade e em nenhum momento deixamos de ser uma referência para a organização das atividades. Somos todos parte de um

processo criativo e integrativo no qual todos têm o direito de se expressar e de colaborar, construindo junto o programa.

Essa opção demanda o constante exercício de saber ouvir as crianças, de realmente conversar com elas, de escutar o que elas têm a dizer, ou seja, valorizar suas experiências anteriores, seu conhecimento, suas vontades, expectativas e limites.

Sobre as mudanças na programação

Esse tipo de programa está sujeito a uma série de imprevistos relacionados tanto com o cotidiano da escola como às condições climáticas. Tivemos que lidar nesse segundo encontro, com o re-agendamento do próximo. Devido a uma atividade de excursão agendada previamente para o Beto Carreiro World, tivemos que mudar o terceiro encontro para a próxima quarta-feira (dia 26 de setembro de 2007).

3.4.3. Terceiro encontro – buscando orientações para trânsito

Nesse dia o tempo estava mais uma vez chuvoso, fazendo com que somente 3 crianças aparecessem. Dois deles participaram de todas as oficinas, menos o passeio Ciclístico. Mas para esses três, o fato de não ter um grupo grande não pareceu ser um problema. A Polícia Militar apareceu como combinado, mas foi dispensada porque achei que não seria necessária sua presença devido ao número reduzido de participantes.

Encontramo-nos na entrada do colégio e depois de permanecer ali por alguns minutos saímos em direção ao Parque Anchieta (Bairro localizado nas proximidades do Colégio). Pedalando pela UFSC e depois pela ciclovia da beira mar, entramos na Avenida Madre Benvenuta e logo viramos à direita para entrar nas ruas tranquilas do bairro.

Nesse trajeto dois dos ciclistas se bateram, devido a imprudência de um deles, derrubando um ciclista que, felizmente, não se machucou. No entanto,

esse ocorrido serviu para refletirmos sobre a questão da segurança e de uma condução responsável.

Havíamos planejado para esse dia uma atividade de educação para o trânsito. O objetivo era conversar com eles sobre alguns aspectos de fundamental importância relacionados à bicicleta e ao trânsito. Nossa intenção era desenvolver uma atividade prática na qual as crianças estariam num contexto real (nas ruas de um bairro) e que nessa experiência pudessem refletir sobre o pedalar nas ruas.

Para isso planejei uma atividade que chamei de “Buscando pistas seguras”. Vinte pistas (anexar pistas ao trabalho) foram espalhadas pelo bairro e sua localização plotada em um pequeno mapa da região. O planejamento era de dividir os alunos em grupos menores, procurar as pistas para anotá-las em uma folha de papel e depois nos juntar para discutir o que as pistas diziam.

No decorrer dessa atividade os monitores orientariam as crianças e dariam dicas de como pedalar com mais segurança.

Devido ao número reduzido de crianças formamos um único grupo. Um mapa foi disponibilizado e os participantes tinham que se orientar por ele para encontrar as pistas. A vontade deles era competir contra alguma coisa, mas como não tinha outras equipes eles acabaram criando uma pequena competição entre eles para ver quem achava as pistas primeiro.

Percebi que não se tratava de uma competição séria e sim uma simples brincadeira. Isso se evidenciava quando eles se ajudavam a encontrar uma pista ou a se localizarem no mapa.

Antes de começarmos a brincadeira, ou seja, quando chegamos no bairro, começou a chover e tivemos que nos abrigar em frente a uma loja. Aproveitei para conversar com eles sobre o que iríamos fazer, qual a importância de conversarmos sobre temas que ajudariam nosso pedalar a ser mais seguro. Perguntei o que eles achavam perigoso quando estavam pedalando ou quais as regras de trânsito que eles conheciam. Apresentei-lhes o mapa e expliquei a proposta da atividade.

Sáímos pelo bairro com os mapas, tentando nos orientar para procurar as pistas. Dois dos participantes, mais apressados e dispersos, eram os que demonstravam maior dificuldade para encontrar a direção a seguir, enquanto que o outro participante que demonstrava mais concentração era o que encontrava a maioria das pistas. Em alguns momentos eu precisava ajudá-los a encontrar as pistas e quando encontrávamos uma, essa era lida em voz alta e conversávamos sobre seu significado e importância.

Enquanto nós pedalávamos pelo bairro eu observava qual era a noção deles de trânsito e apontava questões que eu achava relevante, como por exemplo, a necessidade de antecipar acontecimentos ou ainda desenvolver outros sentidos como a audição.

Quando encontramos a 13ª pista o pneu da bicicleta de um dos participantes furou. Tivemos então que concertá-la e graças a esse imprevisto foi possível trabalhar um conteúdo que eu achava interessante e importante de ser trabalhado.

Começamos a arrumar a bicicleta enquanto eu lhes orientava e conversávamos sobre cada passo a ser realizado. Quando estávamos no meio da 'faina' começou a chover forte. Tivemos então que correr com a bicicleta e ferramentas para uma garagem de uma casa que estava para ser alugada. O pneu furado, a chuva e todo o clima gerado pela situação, deu a esse encontro um aspecto de "Aventura". Abrigamo-nos ali e continuamos a arrumar o pneu. Enquanto eu estava entretido com essa tarefa um outro participante se encarregou de filmar o processo e outro ficou brincando na chuva. A chuva que era forte não pareceu irritá-los e serviu como fator motivador porque eles queriam terminar logo para poder pedalar na chuva. Apesar das dificuldades (chuva, pneu furado, poucos participantes) todos os participantes estavam se divertindo.

Terminamos de arrumar os pneus e foi preciso nos "preparar" para sair pedalando na chuva. Eu coloquei roupa de chuva e capa nos alforjes da bicicleta e guardei os celulares dos meninos na minha bagagem. Com a bicicleta consertada e com chuva mais fraca regressamos em direção ao C.A.

Os alunos demonstraram muito interesse nas atividades e perguntaram quando iria ocorrer o próximo programa.

3.4.4. Passeio Ciclístico

Novamente o tempo não estava muito convidativo para um passeio ciclístico. A noite anterior ao passeio foi de muita chuva e provavelmente, ‘espantou’ muitos dos possíveis participantes. De qualquer maneira o passeio aconteceu com aproximadamente 20 pessoas.

Cheguei ao Colégio 10 minutos antes do horário marcado. A Polícia Militar já estava no local juntamente com 5 participantes. O clima era de dúvida. Ninguém sabia se o passeio aconteceria porque o tempo estava bastante nublado e os outros passeios programados para aquele dia foram cancelados, ou melhor, não aconteceram porque ninguém apareceu. Fui buscar uma bicicleta de um aluno que estava guardada no Colégio. Esse aluno, único que participou de todas as atividades até agora, estava um pouco chateado porque gostaria que tivesse outros amigos com ele. Sua bicicleta se encontrava com o câmbio quebrado, e precisamos fazer uma ‘gambiarra’ para consertá-la. Com o passar do tempo outras pessoas começaram a chegar e o grupo de ciclistas para realizar o passeio começou a ganhar forma.

O passeio estava previsto para sair às 10:00h. Devido as condições e a necessidade de se consertar a bicicleta daquele aluno acabamos saindo às 10:20h. Fizemos um grande círculo com as bicicletas e eu fiz uma breve apresentação sobre a atividade falando sobre o projeto “Bicicleta na Escola” e que naquele dia (22 de setembro – Dia Mundial Sem Carro), cidades em todo o mundo estavam realizando atividades para conscientizar as pessoas a respeito da necessidade de se desenvolver outras maneiras para ‘se transportar’ nas cidades. Foram dadas algumas recomendações sobre nossa organização durante a pedalada e saímos em direção à rótula da Trindade. A PM estava nos escoltando com o auxílio de dois batedores e de uma viatura que estava atrás do bloco de ciclistas. Durante o passeio os batedores iam fechando as ruas e dando toda a segurança aos ciclistas.

Eu precisei emprestar minha bicicleta para o aluno que estava com a bicicleta quebrada. Seguimos pedalando pela Avenida Lauro Linhares, uma das ruas mais movimentadas da região, com uma das faixas completamente ocupada por nós. Os alunos que participaram das oficinas estavam preocupados com o trajeto do passeio porque pensavam que seria muito longe pedalar até o centro da cidade. Eu os tranqüilizei falando que o trajeto era praticamente plano e que aquele passeio faria com que eles percebessem como a bicicleta pode ser utilizada como um meio de transporte na cidade porque é muito eficiente em trajetos com aquela distância.

Nossa velocidade era aproximadamente 12km/h o que permitia um pedalar bastante tranqüilo e que as pessoas conversassem enquanto pedalavam. Seguimos pela Rua Lauro Linhares até o final, passamos pela penitenciária, casa do Governador e seguimos até o começo da Mauro Ramos, subimos a Mauro Ramos e descemos até chegar à Rua Hercílio Luz e nos dirigimos para a Praça XV. O passeio foi filmado e fotografado por um aluno do curso de jornalismo da UFSC.

A prefeitura tinha uma série de atividades programadas para esse dia. Todo o centro da cidade estava fechado à circulação de carros. As pessoas podiam circular livremente pelas ruas. Esperávamos encontrar muitos outros ciclistas no centro, mas devido ao clima-tempo o evento estava bastante esvaziado. Demos uma volta na praça XV e assistimos a um show de palhaços. Minha atenção estava voltada às crianças do colégio e os outros participantes estavam liberados. Os alunos estavam um pouco cansados e então paramos para descansar por alguns minutos.

Infelizmente não conseguimos assistir ao balé Bolshoi que infelizmente não se apresentou novamente. A Associação de Ciclousuários de Florianópolis (Viaciclo) estava organizando um abraço ciclístico na Praça XV, com um teor simbólico, que se transformou em uma simples volta ciclística em torno da praça. O prefeito estava presente e pedalou juntamente com os ciclistas. O movimento Bicicletada, movimento popular de cicloativismo, estava presente

sem muita expressão devido a falta de militantes. Em termos gerais o evento estava fraco no sentido de servir como um momento de formação e conscientização e muito disso devido a falta de ciclistas não só no evento mas também em sua organização prévia. A nosso ver a iniciativa da prefeitura, através do IPUF é bastante positiva, no entanto, precisa-se amadurecer e ampliar o significado de ações públicas desse tipo. Os próprios organizadores do evento reconhecem que a organização e divulgação do evento foram feitas muito às pressas, implicando na baixa qualidade do evento.

O retorno ao Colégio de Aplicação aconteceu com um grupo menor de ciclista por volta das 13:00h. Apenas os três alunos do Colégio e outros cinco participantes voltaram pedalando pela ciclovia da Beira Mar Norte. Nesse trajeto, bastante tranquilo, tivemos a oportunidade de conversar informalmente sobre alguns aspectos relacionados à utilização da bicicleta como meio de transporte urbano, como por exemplo, a importância de ciclovias, de buscar utilizar “rotas seguras” e do direito dos ciclistas a ter espaço e respeito nas ruas.

4. APRENDENDO E COMPREENDENDO O PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO – permanecer no fluxo *continuum* do espaço-tempo

Uma especial atenção precisa ser colocada nos processos que levam a tomada de decisão quando realizamos uma pesquisa dentro dos moldes da pesquisa-ação. É a partir do despertar da consciência do porque e como determinada escolha foi tomada como opção de caminho, que podemos construir um conhecimento sobre o processo/ação. Com essa reflexão podemos também identificar a relação entre os envolvidos no processo (pesquisadores e pesquisados/educadores e educandos) e como essa relação permite ou não um “fluir” processual.

Sendo assim, destacamos alguns momentos decisórios no processo dessa pesquisa que servem de exemplo para ilustrar como as relações estabelecidas nesse trabalho tomaram forma e sua importância para o processo.

Nos diferentes estágios da pesquisa tivemos como pesquisadores, que exercitar a habilidade para encontrar esse fluxo que permitisse a realização da pesquisa. Para que isso ocorra de fato é fundamental que os envolvidos no processo se sintam no fluxo também e é o que queremos evidenciar.

Tomadas de decisão ocorrem o tempo todo durante o processo. Na pesquisa-ação temos um problema central, no qual as ações convergem com a intenção de solucionar aquele problema. No entanto, nessa tentativa uma série de outros problemas vem à tona e precisam ser solucionados a partir de decisões que permitam o fluxo do trabalho.

As 'situações/problemas' estão descritas no quadro abaixo. Incluímos as de maior relevância e apontamos na coluna "envolvidos" as pessoas que tiveram maior participação no processo de solução que foi escolhido.

Quadro 4 – Cronologia dos momentos de decisão durante o projeto

Situação/problema	Envolvidos	Solução/Caminho escolhido
Escolha do tema	Pesquisador	Bicicleta na escola
Problema	Pesquisador/realidade	A escola não percebe a bicicleta como uma possibilidade pedagógica
Formato do programa	Pesquisador	3 dias e um passeio
Definição dos conteúdos/planejamento	Pesquisador	Brincadeiras/manutenção/Educação para o trânsito
Participantes	Pesquisador/professor de Ed. Física do Colégio	5 e 6 séries
Transformar o projeto de pesquisa em extensão	Pesquisador/orientador	Projeto de extensão Bicicleta na Escola
Definição das datas do projeto	Pesquisador	Semana que antecede o dia 22 de setembro (dia sem carro)
Divulgação no colégio	Professor de Ed. Física/pesquisador/ Coordenador	Passar em sala com folders e convidar os alunos
Inclusão do passeio ciclístico no evento da prefeitura	Pesquisador	Participar das reuniões de organização.
Participação de acadêmicos como monitores	Pesquisador/acadêmicos	Participação de 4 acadêmicos de Educação Física
Sala para deixar bicicletas	Pesquisador/professor do colégio	Foi reservada uma sala para deixar as bicicletas
Transporte das bicicletas	Pesquisador	Cada aluno traz sua bicicleta como pode.
Forma de registro dos encontros	Pesquisador/acadêmicos	Fotografar e filmar
Primeiro encontro		
Realizar ou não devido a chuva	Pesquisador/professor de educação física/alunos	Encontro realizado no galpão do colégio
Chamar ou não monitores para participar mesmo com poucos alunos	Pesquisador	Ligar desmarcando participação dos monitores
Proposta das primeiras brincadeiras	Pesquisador	Corrida de quem chega por último, fechadinha, estátua na bicicleta
Aluna sem bicicleta	Pesquisador/aluna	Emprestar minha bicicleta para a aluna
Pesquisador sem bicicleta	Pesquisador/monitor	Ligar para monitor para pedir bicicleta emprestada
Regular os freios das bicicletas	Alunos	Regulagem dos freios das bicicletas
Fazer um circuito no colégio	Professor/alunos	Alunos saíram pedalando pelo colégio para criar um circuito

Pedalar ou não pelo circuito	Alunos/pesquisador	Por causa da chuva o circuito estava muito molhado, decidimos fazer no próximo encontro
Pedalar pela UFSC	Alunos/pesquisador	Decidimos fazer um pedal de reconhecimento pela UFSC
Segundo encontro		
Realização das primeiras atividades na quadra do Colégio	Pesquisador	Nos dirigimos para a quadra para dar início ao encontro
Preparar as bicicletas	Pesquisador/alunos/ Monitores	Enquanto alguns alunos pedalavam livremente outros enchiam os pneus das bicicletas
Proposta inicial das atividades	Pesquisador/monitores	Fizemos algumas brincadeiras que haviam sido previamente planejadas pelos pesquisador/monitores
Transformação de uma atividade	Monitores/pesquisador	Adaptação de uma das propostas
Fazer circuito do primeiro encontro	Aluno	Fizemos o circuito que havia sido criado no primeiro encontro
Cancelamento do terceiro encontro devido excursão da escola	Alunos/pesquisador	Transferimos para a próxima quarta feira
Atividades na UFSC	Pesquisador/monitores	Levamos grupo para realizar outras atividades no campus da UFSC
Divisão do grupo em pequenos grupos	Pesquisador/monitores	Feito
Criação dos circuitos	Alunos	Cada grupo de aluno criou o seu circuito que seria percorrido pelos outros grupos
Passeio ciclístico		
Bicicleta com problema	Aluno/pesquisador/ Monitor	Tentar arrumar a bicicleta
Bicicleta quebrada	Alunos/pesquisador	Trocamos de bicicleta.
Trajeto do passeio	Proposta do pesquisador	Seguir para o centro para participar do encontro da prefeitura
Horário de retorno e trajeto	Pesquisador/alunos/ outros participantes	Voltamos ao meio dia
Trajeto de volta	Pesquisador	Voltamos pela ciclovia da beira mar
Terceiro encontro		
Proposta do encontro	Pesquisador	Orientação com mapa no bairro
Realizar encontro	Pesquisador/alunos	Mesmo que somente com três alunos e possibilidade forte de chuva realizamos as atividades
Pedalar na chuva	Alunos/professor	Pedalamos mesmo na chuva

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a “Bicicleta na Escola”

O processo de investigação e organização que levou ao planejamento do projeto “Bicicleta na Escola” e a vivência nos encontros, permitiu perceber a bicicleta como um potencial gerador de temas para propostas ou programas de Educação Física na escola e em outros espaços educativos. A bicicleta é ao mesmo tempo brinquedo, ferramenta e meio de transporte de muitos jovens e crianças brasileiras. Suas possibilidades de exploração para propostas pedagógicas é muito grande, e vai depender do contexto no qual se deseja trabalhar. Ela pode ser tematizada em uma única aula ou num semestre inteiro. Além de sua inclusão nos programas de Educação Física Escolar curricular ela pode gerar outras atividades promovidas pela escola como passeios ciclísticos e até mesmo ciclovagens.

Limitamo-nos a trabalhar com alunos de 5ª e 6ª séries, mas o desenvolvimento de um programa desse tipo, no qual os participantes possam, inclusive, ter uma maior participação no desenvolvimento e realização das atividades, pode ser desenvolvido com alunos de todas as idades. O NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC) é um centro de Educação Infantil que constantemente traz a bicicleta para suas atividades. A bicicleta permite ser trabalhada de acordo com as características de cada grupo e ainda integrar grupos diferentes.

No Colégio de Aplicação a Educação Física é trabalhada com turmas masculinas e femininas. Essa opção é bastante polêmica e apresenta vantagens e desvantagens. De qualquer forma, o projeto “Bicicleta na Escola” foi mais uma oportunidade de envolver meninos e meninas na mesma atividade. Nossa experiência foi um laboratório para experimentar a bicicleta

naquelas condições, ainda em um contexto experimental. Esperamos que esse trabalho some-se a outras iniciativas já realizadas pelo colégio como o Clube de Ciclismo, proposto pelo prof. Mario César Pires há alguns anos (que deveria ser retomado), o projeto de trilhas e o 1º Passeio Ciclístico do C.A que aconteceu no primeiro semestre deste ano.

Sobre a Educação Física do Colégio de Aplicação

A característica da Educação Física escolar brasileira nas últimas décadas tem apresentado um quadro fortemente vinculado às modalidades Olímpicas. No entanto, o próprio modelo Olímpico tem sido ampliado a cada nova edição com a inclusão de novas modalidades. Infelizmente, constatamos que tanto no interior dos cursos de formação de professores como no interior das escolas de ensino básico, tais modificações não têm acompanhado o fenômeno Olímpico.

Com base no que pudemos observar, durante nossa atuação no Colégio de Aplicação, gostaríamos de fazer algumas críticas e sugestões referentes às possibilidades para a Educação Física escolar.

A Educação Física do C.A., por acontecer no contra-turno às aulas, poderia oferecer uma organização completamente diferente das outras disciplinas. A começar por criar um esquema, no qual os alunos pudessem optar com maior liberdade o tipo de atividade que gostariam de experimentar. O fato dos alunos do ensino médio escolher entre algumas modalidades esportivas (esportes de quadra como vôlei, basquete, futebol, handebol, natação e ginástica), ainda não representa um leque de opções satisfatórias. Além dessas práticas já serem trabalhadas exaustivamente durante toda a vida escolar dos alunos, elas representam uma minúscula parcela do universo de possibilidades que a Educação Física poderia experimentar. A ampliação do repertório de práticas para a E.F escolar vem sendo discutida em nossa área desde de o início da década de 80 por diversos autores e acreditamos que o Colégio de Aplicação poderia contribuir com esse processo inovando com programas alternativos e realmente transformadores.

Como discutimos anteriormente é fundamental que os alunos participem dos processos de escolha dos conteúdos. Sendo assim, deveríamos perguntar com mais frequência “o que” e “como” eles gostariam de vivenciar a Educação Física.

Os professores poderiam organizar pequenos programas como o que propomos com diferentes temas (a partir daquilo que os alunos propõem) como, por exemplo, malabarismos, skate, danças, expressão corporal, e modalidades esportivas diferentes dos quatro esportes tradicionais. Porque sempre trabalhamos os mesmos esportes? Porque não experimentar rugby, hóquei na grama, jogos de rua de outros países, de outros estados, além de explorar suas origens, o contexto de onde vieram entre outras coisas. Ou seja, ampliar os conteúdos oferecidos pela disciplina.

Talvez, a crítica mais comum a um colégio de aplicação de uma universidade como a UFSC, seja a dificuldade de se criar um contexto no qual realmente se aplique aquilo que a Educação, através do que é compartilhado na universidade e no próprio colégio, vem apontando como melhor caminho para a emancipação do ser humano. Infelizmente observamos no Colégio de Aplicação da UFSC uma estrutura de organização demasiadamente fechada ou em alguns aspectos não acompanhando os novos paradigmas científicos. Isso se evidencia, por exemplo, na forma em que as salas de aulas são organizadas (ainda com as carteiras em fileiras e com um quadro negro como centralizador da aula), na utilização do uniforme como obrigatoriedade (não é discutido com os alunos porque eles têm que usar uniforme, e são simplesmente forçados a usar, mesmo que por seus motivos, não concordem com isso) e com pouquíssimo espaço para a participação dos alunos nos processos decisórios do dia-a-dia escolar.

A Educação Física do C.A. poderia desenvolver, dentro de seus programas, uma abordagem que integrasse através dos conteúdos trabalhados o conhecimento de outras áreas. Não temos dúvida que trabalhar os conteúdos de forma interdisciplinar exige uma transformação radical na

organização da disciplina. De qualquer forma, precisamos buscar caminhos pedagógicos para compartilhar o conhecimento de forma que os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem desenvolvam uma forma de lidar com os problemas que a vida nos apresenta de forma mais ampla, coerente e realista.

Podemos tomar a bicicleta com exemplo: O trabalho da professora de Itajubá, apresentado anteriormente, mostra que é possível trabalhar Educação Física e História. A professora realizou um estudo da história da bicicleta e fez uma exposição com diversos modelos, inclusive uma bicicleta bastante antiga do bisavô de um dos alunos. Como poderíamos trabalhar geometria nas aulas através da Bicicleta? Química? Geografia? Conhecimento de Si? Vai depender muito da vontade dos professores e da abertura paradigmática da escola a iniciativas desse tipo, assim como, da formação continuada dos professores dando subsídios metodológicos para o desenvolvimento dessas ações.

Sobre o Curso de Licenciatura da UFSC

Depois de cinco anos estudando no Centro de Desporto da UFSC gostaria de fazer algumas considerações sobre essa experiência, que sem dúvida, foi de onde surgiu muitas das inspirações que levaram à realização desse trabalho.

A formação de professores é outro tema que tem ocupado os estudiosos da Educação por um bom tempo. Porém, ainda temos nas Licenciaturas uma série de hábitos e opções de organização curricular, estrutura física e relações entre os 'formadores' e os 'formandos' que dificultam a evolução do processo de transformação dessa realidade.

Em primeiro lugar, um curso que se propõe a formar Professores, deve proporcionar aos estudantes a oportunidade de conhecerem a si mesmos. O conhecimento de si ou auto-conhecimento é uma condição básica para que se possa de fato, mergulhar no processo de emancipação humana. Vale a pena perguntarmos: Como vamos contribuir no processo de emancipação se nós mesmos não estivermos vivendo esse processo? Ou ainda: Como vamos

conhecer outras coisas se não conhecemos a nós mesmos? Como vamos estudar o ser humano se não estudarmos a nós mesmos?

Em segundo lugar, o curso está organizado em disciplinas, que na maioria das vezes, não se articulam e acabam contribuindo para uma compreensão fragmentada da área ou campo de estudo. Mesmo com a reformulação do currículo em 2006 não acredito que muita coisa mude porque não adianta criar um novo currículo se os professores não mudarem sua postura e objetivos concebendo um novo paradigma. Acredito que o problema da formação de professores não esteja apenas em seus currículos, mas também, na forma como muitos professores se relacionam com sua prática docente e com seus alunos. Precisamos de uma formação mais humana não apenas em seu conteúdo, mas principalmente em suas interrelações/interações.

Dessa forma poderia simplificar (tentando não ser simplório), dizendo que não precisamos nos preocupar em mudar os currículos e os conteúdos das disciplinas se antes não mudamos (tanto os professores quanto os alunos), nossas compreensões metodológicas e seus respectivos objetivos espaço-temporais, ou seja, dar forma à ação (formação) e não formatar a ação.

Nessa linha, outra consideração importante a fazer relacionada com a formação de professores é referente à maneira que a pesquisa é abordada durante nossa formação. Como a maioria das disciplinas e conteúdos são tratados de forma que o professor ‘transmite’ o conhecimento para os alunos, a curiosidade, vontade de encontrar respostas, de conhecer a partir da iniciativa própria não é despertada. Ora, se nem mesmo os professores pesquisam, como vamos desenvolver nossa curiosidade epistemológica? Como podemos ser futuros professores se não desenvolvermos a habilidade de pesquisar? Ir atrás do que nos interessa, pois conhecimento e interesse estão correlacionados.

Concordamos com Freire (1996) quando ele diz que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Mas aqui é importante lembrar que esse

‘despertar’ não seja feito de forma condicionante, compulsória, limitante, repressora. A vontade por pesquisar deve ser incentivada, sobretudo, pelo exemplo do professor. Novamente Freire nos chama a atenção:

No meu entender o que há de pesquisador em um professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é, em sua formação permanente, que o professor se perceba e se assuma, porque professor, pesquisador (p. 32).

Sendo assim, nossa formação deveria ser orientada não para a pesquisa, mas pela pesquisa. Infelizmente, a pesquisa no CDS, de forma geral, se encontra concentrada nos Núcleos de Pesquisa e não chega nas discussões cotidianas das salas. Assim, como Demo (1996) propõe, a educação, do nível infantil ao superior, deveria existir através da pesquisa. “É preciso *construir a necessidade de construir caminhos*, não receitas que tendem a destruir o desafio de construção” (p.10).

A problemática de uma formação centrada no ensino, que deixa a pesquisa para ser realizada apenas como conclusão de curso, é a dificuldade que esses profissionais encontrarão em lidar com as situações problemas do cotidiano de sua prática, fazendo com que muitos optem pela reprodução, mesmice, acomodação e continuidade da condição complicada em que a Educação Física escolar se encontra.

Essa inabilidade em lidar com problemas concretos, encarando-os como potenciais ‘problemas de pesquisa’ se evidencia na forma que a disciplina de Prática de Ensino se estrutura. Nessa disciplina, onde teríamos como objetivo principal nos experimentarmos como professores, pesquisando e construindo um programa pedagógico, se limita em ser um momento de aplicação de aulas com alunos quase que ‘cobaias’.

A prática de ensino está esquematizada de tal forma que no tempo de um semestre letivo (aproximadamente 4 meses), os estudantes precisam conhecer a realidade na qual vão intervir (observação), realizar um plano de ensino (que na maioria das vezes está limitado ao plano do professor da

turma), ministrar as aulas e ainda redigir um relatório. Fica difícil, dessa forma, desenvolver um trabalho consistente de prática pedagógica reflexiva. O que sugerimos é que, na disciplina de Prática de Ensino, tenhamos uma organização que privilegie a oportunidade dos professores em formação de se experimentarem como tais, tendo mais tempo para ministrar aulas e maior liberdade para desenvolver seu planejamento.

Gostaria também de ressaltar a importância do envolvimento com outros espaços formativos, para além das salas de aula, que com certeza, fazem toda a diferença para a formação do professor. O CDS oferece muitas possibilidades para o estudante se envolver com diversos projetos, tanto no âmbito da pesquisa quanto da extensão.

Essas experiências foram fundamentais para que durante minha formação eu pudesse vivenciar a universidade de uma forma mais abrangente. Nesse processo, duas situações merecem destaque: 1) O PET – Programa de Educação Tutorial, coordenado pelo professor Dr. Giovani De Lorenzi Pires, foi uma experiência que possibilitou, através do convívio com os outros integrantes do programa, o aprofundamento dos estudos, o desenvolvimento da autonomia, responsabilidade e da habilidade em trabalhar em grupo; e 2) Minha participação durante sete semestres no projeto de extensão ‘Práticas Corporais’, coordenado pela professora Ms. Cristiane Ker de Mello. Nesse programa, onde a extensão não se limita em simplesmente servir como prestadora de serviço à comunidade, tive a oportunidade de desenvolver minha prática como professor de Yoga e refletir sobre ela. Nesse projeto temos a preocupação e o esforço em realizar grupos de estudo para construção de um programa no qual a extensão integre pesquisa e ensino.

Com todos os problemas que as universidades públicas vem enfrentando, ainda temos a chance de, se nos propusermos a ir além da sala de aula, ter uma verdadeira formação universitária, vivenciando outros universos de conhecimento através do convívio com estudantes dos mais diversos cursos.

Por último, não poderia deixar de relatar a contribuição que a prática da capoeira, dentro do Grupo Angoleiro Sim Sinhô, teve na minha formação. Nesse grupo, a capoeira, uma das mais expressivas manifestações da cultura popular brasileira, é vivenciada como forma de afirmação de nossas raízes culturais, numa universidade que, infelizmente, não apóia de forma satisfatória a arte e a cultura. No convívio com meu professor Téo, tive a oportunidade de observar a postura de um verdadeiro educador, que com sua simplicidade sempre soube respeitar as individualidades de seus alunos, e mesmo sem estudar as Teorias do Movimento Humano, me mostrou a capoeira como um jogo de perguntas e respostas.

6-REFERÊNCIAS

CANTERS, R. **Training cycling skills: Master on the bike.** [on-line] Disponível na Internet via [www. URL: http://www.eltis.org/study_sheet.phtml?study_id=1162&lang1=en.](http://www.eltis.org/study_sheet.phtml?study_id=1162&lang1=en) Arquivo disponível em 10 de outubro de 2007.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis: Vozes, 2006.

COLETIVO de autores. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** Campinas: Papirus, 1992.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1974

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GRUPO de Trabalho Pedagógico. **Visão Didática da Educação Física.** Rio de Janeiro: Livro Técnico. 1991.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** Petrópolis: Vozes, 1992.

HILDEBRANT, R. & LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física.** Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

HILDEBRANT-STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física.** Ijuí: Unijuí, 2001.

KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino e mudança.** Ijuí: Unijuí, 1991.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Unijuí, 1994.

KUNZ, E. & TREBELS, A. H. (Orgs.). **Educação Física Crítico-Emancipatória – Com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte.** Ijuí: Unijuí, 2006.

MATURANA, R. H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATURANA R. H. & VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar – Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia.** São Paulo: Palas Athena, 2004.

PAIVA. S. **Projeto Bom de Pedal.** Disponível na internet via www. URL: http://novaescola.abril.com.br/ed/169_fev/html/projeto_sibelly.htm. Arquivo capturado em 10 de setembro de 2007.

RAQUEL, R. **Mobilidade ciclística: um modal de inclusão sócio-espacial.** 2006. 93 f. Monografia (conclusão de curso) - Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Geociências, Florianópolis.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2003.

TREBELS, A. H. A Concepção Dialógica do Movimento Humano. In: KUNZ, E. & TREBELS, A. H. (Orgs.). **Educação Física Crítico-Emancipatória – Com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte.** Ijuí: Unijuí, 2006.

URANITSCH, G. **Bycicle training for children in real traffic conditions.** [online] Disponível na internet via www. URL: <http://www.eltis.org/docs/studies/Radfahrrtraining.jpg.pdf>. Arquivo capturado em 10 de outubro de 2007.

VELARDI. M. **Pesquisa e Ação em Educação Física para Idosos.** 2003. 218 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas.

XAVIER. G. & MIRANDA. A. **The Brazilian Scenario for Bicycle Mobility is Changing.** In: Velo City 2007 Disponível na internet via www. URL: www.udesc.br/ciclo. Arquivo capturado em 30 de setembro de 2007.